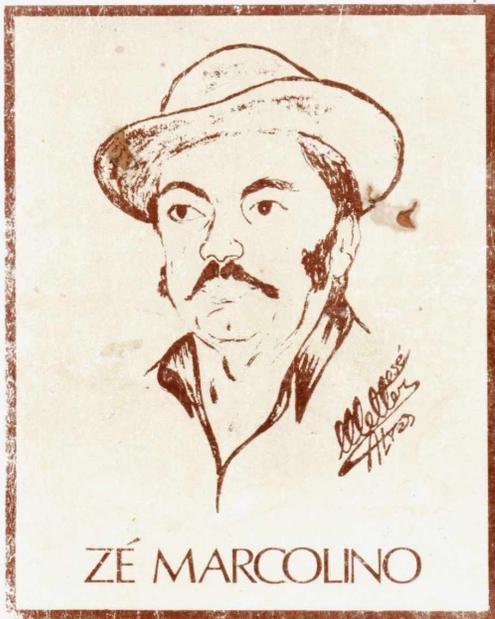


CANTADORES, PROSAS SERTANEJAS E OUTRAS CONVERSAS



SAUDADE IMPRUDENTE

Oh! que saudade imprudente
No meu peito martelando
Quando tô só me lembrando
Da minha vida na roça
Quando alegre um rouxinol
Cantava pelo arrebol
Quando centelhas de sol
Penetravam na palhoça.

Minha casa era de arrasto
Frente virada pro Norte
Pra ser feliz pra dar sorte
Era não se dar coisa ruim
Parece aquilo eu tá vendo
Pela lembrança doendo
E a saudade razendo
Tudo pra perto de mim.

Conversa sem protocolo
De fácil vocabulário
Sem precisar calendário
Eu fazia anotação
Na minha imaginação
Eu achava tão comum
Contar mês de 31
Na dobra da minha mão.

Zé Marcolino



ZÉ MARCOLINO, O POETA PRA TODO O BRASIL APLAUDIR

Quem não ouviu "Sala de Reboco"? Muita gente já se deliciou com músicas de Zé Marcolino gravadas por Luiz Gonzaga, "O Rei do Baião", sem mesmo tomar conhecimento da autoria. "Sala de Reboco" virou nome do único disco de Zé Marcolino. Mas poucos tomaram conhecimento disso, pois o Poeta não teve o apoio "Global" e ficou apenas com seu público que tanto cativava nos shows de palco e da vida.

Mas o que vale o sucesso fabricado? Zé Marcolino dizia sempre: "Isso não vale nada poeta. Quem quiser falar do sertão tem que andar a pé". E ele andou muito a pé da CACIMBA NOVA, indo pelo SERROTE AGUDO até os ter-reiros do mundo, das capitais até o interior. Cantou, contou causos prá anal-fabetos e doutores. No Teatro Castro Alves em Salvador, na Academia Per-nambucana de Letras e nas quitandas, beira de estrada deste Nordeste sofrido, carente de grandes iniciativas.

É pena Zé Marcolino ter ido embora sem tornar pública toda uma vasta produção ainda inédita. A qualidade inquestionável deixa de água na boca quem gosta de povo. SAUDADE IMPRUDENTE fala por si: "...sem precisar calen-dário/eu fazia anotação/na minha imaginação/eu achava tão comum/contar mês de trinta e um/na dobra da minha mão.

Seu sucesso era garantido, mesmo porque o Poeta encontrava poesia na própria vida, nos objetos de uso do dia-a-dia, inúteis na visão do leigo, mas tão ricos de inspiração para quem se mostrou mestre e graduado nas coisas do co-ração como ele. PEDRA DE AMOLAR e A ESTRADA nos ensinam emoção e sensibilidade.

Felizmente seu livro estava pronto como pronto era seu show. Não pre-cisou nem devia retoques. É Zé Marcolino em saber e emoção, criação e ação. Depoimento vivo do Poeta que não gostava que ninguém metesse a colher suja em prato que preparasse. Nisso ele foi satisfeito.

A história do Nordeste ficou mais rica depois de Zé Marcolino, esse pa-raibano de Sumé, mas cidadão de Serra Talhada, berço de Lampião. Cidadão do mundo. Seus amigos querem fazer todo ano, nos fins de setembro, quando PÁSSARO CARÃO não canta e anum não chora nem chuva cai no sertão, a Missa do Poeta em merecida homenagem a Zé Marcolino. Estilo à Missa do Vaqueiro, só que em Serra Talhada, lugar que findou seus dias morando e lutando, seu quar-tel general da inspiração. Estamos torcendo para acontecer. Sua música foi aplaudida no Brasil inteiro. Seu livro deve ser lido e contado para os que não sabem ler. E suas poesias inéditas devem ser cantadas por todos. Zé Marco-lino, o Poeta, merece aplausos de todo Brasil sensível.

PAULO MENEZES (Profeta)

Presidente da Fundação Casa da Cultura de Serra Talhada

ZÉ MARCOLINO — EM DUAS CIRCUNSTÂNCIAS

PRIMEIRA — Foi através do maior cantador do nosso sertão, Luiz Gon-zaga, que conheci e passei logo a me interessar, e admirar as canções e voz grave-aveludada de ZÉ MARCOLINO. Habilidoso e engraçado quando em versos criticava alguma coisa incomum. Rico de lirismo quando pintava com sua poesia a beleza das paisagens do nosso interior nordestino, lugares como: CACIMBA NOVA e SERROTE AGUDO, quase que desconhecidos pelo resto do mundo.

SEGUNDA — Nos estúdios da RCA, no Rio de Janeiro, por ocasião de uma etapa importantíssima na gravação de mais um LP de Luiz Gonzaga sob a minha direção, no qual participava como convidado especial, o nosso querido ZÉ MARCOLINO, com a sua música e sua voz na canção "CACIMBA NOVA". Eu, na cabine da técnica de som com o operador Mário Jorge, acertávamos os últimos detalhes para o início da citada etapa: Colocar a voz do ZÉ no (PLAY BACK), ou mais claramente, o canto no acompanhamento. Em dado momento, entra na cabine, trazido por Gonzagão, o nosso esperado Zé. Embasbacado com todo aquele sofisticado equipamento eletrônico ali contido, exclamou toda sua fran-queza de matuto decente: TUDO ISSO PRA GENTE CANTAR UMA MUSIQUINHA NUM LP!... E daí em diante, fizemos uma boa amizade.

Agora é só saudade.

LUIZ BANDEIRA - Compositor e Produtor de Discos

**CANTADORES,
PROSAS SERTANEJAS
E OUTRAS CONVERSAS**

ZÉ MARCOLINO

**CANTADORES,
PROSAS SERTANEJAS
E OUTRAS CONVERSAS**

RECIFE — 1987

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	7
	A PRATA DE MARCOLINO	9
	DEDICATÓRIA	11
Capítulo	I — UM PASSADO QUE FICOU	13
Capítulo	II — O MEU ENCONTRO COM O REI DO BAIÃO	19
Capítulo	III — O DIA ESPERADO, CHEGOU... ..	25
Capítulo	IV — EU E O CARÃO... ..	33
Capítulo	V — UM PASSEIO AO CENTRO OESTE ...	41
Capítulo	VI — MANOEL BERLARMINO DE SOUZA (Dunga da Barra)	45
Capítulo	VII — ABELARDO PEREIRA DOS SANTOS (Pereira dos Santos)	51
Capítulo	VIII — JOSÉ NUNES FILHO (Zé de Cazuza)	53
Capítulo	IX — LOURIVAL BATISTA	57
Capítulo	X — JOSÉ NUNES DE SOUZA (Cazuza Nunes)	65
Capítulo	XI — ANTÔNIO MARINHO DO NASCI- MENTO	69
Capítulo	XII — QUITÉRIA JOANA	73
Capítulo	XIII — UM LOUCO NA HORA DA LUCIDEZ..	75
Capítulo	XIV — UM TROCADOR DE CAVALO	79
Capítulo	XV — UM SUJEITO CABREIRO	85
Capítulo	XVI — AS CANTIGAS DO CEGO	89
Capítulo	XVII — COISAS CURIOSAS	93
Capítulo	XVIII — GENERINO BATISTA	95
Capítulo	XIX — VICENTE PRETO	101
Capítulo	XX — O POETA DA SAUDADE	103
Capítulo	XXI — JOÃO ISIDRO FERREIRA	105
Capítulo	XXII — O PAPA DOS VIOLEIROS	109
Capítulo	XXIII — UM CANTADOR DE VERSOS FACEIS	117
Capítulo	XXIV — OS GÊNIOS DA VIOLA	121
Capítulo	XXV — MINHA QUERIDA MÃE	127
Capítulo	XXVI — MEU VELHO PAI	131

As fotos dos cantadores
constantes neste livro
foram cedidas
gentilmente por
URBANO LIMA

APRESENTAÇÃO

Quando eu era garoto, ouvia muito um velho contador de histórias falar em GÊNIO, como alguém que, magicamente, mudava uma situação ou aparecia nas horas mais angustiantes ou difíceis.

Depois, quando comecei a estudar, deparei-me com os “maiores GÊNIOS da humanidade” que, coincidentemente, foram pessoas que “mudaram situações”, como diziam as velhas histórias de Trancoso.

Tais GÊNIOS mudaram o curso da História, facilitaram a maneira de viver e diminuíram nossas dificuldades. Basta pensar nas geniais descobertas dos meios de comunicação, da eletricidade e do avião, entre outras, para comprovar o que estou dizendo.

Mas, o que eu sabia sobre GÊNIOS era somente por informação, por ouvir dizer, ou através de leituras. Jamais pensei em, um dia, deparar-me com um GÊNIO. Foi preciso vir morar em Serra Talhada para que isso acontecesse.

Desde 1962 que o conheço, através de suas músicas. E a partir de 1966, eu o conheço pessoalmente, chamando-o apenas de “Zé”.

Mas quem já viu um Zé GENIAL?

É ele mesmo quem dá a resposta, neste livro que você vai ler: “O inteligente ajeita as coisas. O GÊNIO já nasceu dotado. É um destaque mesmo, que a natureza lhe deu como qualquer coisa a mais”...

Essa frase, tão sábia, de José Marcolino, se aplica a ele mes-

mo. Ele é um GÊNIO, porque “é um dotado... pela natureza”... Sabe dizer, artisticamente, o que muitos doutores e professores não o fazem.

O uso correto das figuras de linguagem e a criatividade, em neologismos, o tornam mais original e mais genial ainda.

Leia-o com senso crítico. Observe as suas comparações. Se precisar, use também as palavras que, somente ele, com propriedade, sabe empregar: pajezeiro, embaçamada, bocalmente, opacida... e outras que você vai descobrindo através da leitura desta obra.

Como todo GÊNIO, Zé é humilde. Desaparece para fazer os outros aparecerem. É como dizia João Batista, ao falar de Jesus: “Convém que Ele cresça e que eu diminua”.

Este livro é uma demonstração prática disso que estou afirmando. Um desfile de elogios às qualidades de tantos poetas; dos medalhões, aos mais simples. Todos encontram no genial José Marcolino uma expressão carinhosa, um reconhecimento de valores, um ensinamento para a vida. Somente os homens nobres de espírito, comprometidos com as “mudanças da situação”, geniais no verdadeiro sentido da palavra, têm capacidade para fazer isto.

Sem mais delongas... Pegue este livro e leia. Passe-o adiante. Ofereça-o como presente. Comente com seus amigos.

Valorize o nosso folclore, como o nosso humilde e genial “Poeta” o faz em “CANTADORES, PROSAS SERTANEJAS E OUTRAS CONVERSAS”.

Serra Talhada, fevereiro de 1986

FRANCISCO DE ASSIS M. ROCHA

A PRATA DE MARCOLINO

A Prata hoje é cidade com calçamento, água, luz, televisão, telefone, miséria urbana... enfim, todos os ingredientes das cidades brasileiras, principalmente as nordestinas.

Mas, nem sempre foi assim: houve um tempo em que as estradas que conduziam à vila se enchiam de carros-de-boi, cavalos, jumentos e gente à pé indo para a feira.

Nos galhos das catingueiras, juremas e marmeleiros que margeavam as estreitas estradas, o branco das plumas deixadas pelos carros que conduziam algodão para os armazéns eram bandeiras de um tempo de progresso e euforia agrícola na região.

A feira da Prata era, assim, aquela exuberância de cheiros, sons e cores. Lonas estendidas pelo chão eram vitrines que inundavam olhos matutos, com enxada, foice, chaleira, bacia, tijolo, quebra-queixo, porco, bode, galinha e beira-seca.

Os cegos cantadores tiravam, de berimbáus e harmônicas, toadas que, misturadas às gestas dos vendedores de “romance” e violeiros, maravilhavam o nosso coração menino, sob o sol de verão do Cariri, fazendo escorrer o óleo de côco pela testa das “meninas do sítio” a desfilarem suas chitas coloridas, pela feira.

Do sol, da feira, do povo, dos cegos cantadores, dos violeiros e do ronco dolente dos cocões de baraúna dos carros-de-boi, Marcolino tirou o som e a poesia que ofereceu à sua gente.

Antes mesmo de serem gravadas, as canções do “poeta” já eram cantaroladas pela gente daqueles cariris, pois era dessa gente que falavam.

A Prata de Carmelino, Sebastião Aleixo, Ananiano Ramos, Pompeu Aleixo, "mestre" Aprígio, "seu" Mariano, Severino Doido, Tião Laureano e Pedro Caiáu não é mais a mesma; as antenas de rádio nas casas de tijolo batido deram lugar a geringonças de alumínio que, em cima das casas, mais parecem catingueiras secas e certamente assombrariam Zé Quelé, se vivo ainda fosse; é a televisão que chega com as cores e neuroses das cidades grandes, em forma de novelas onde a desobediência aos mais velhos e a traição conjugal são oficializadas entre um e outro comercial de "MODESS" e "REXONA".

As cantorias são pouco frequentadas e os cegos cantadores desapareceram; até parece que voltaram a enxergar...

O sulco paralelo dos ferros dos carros-de-boi e o rastro das boiadas nas estradas, começam a ser cobertos pela lista preta do asfalto, um caminho de barro preto que leva a Prata pra tão longe que a gente nem imagina.

Marcolino também se foi por esse caminho. Foi pra muito longe daqueles meninos que, como eu e "TACHITO", cantávamos suas canções num velho e fanhoso violão, onde Zé Anastácio tirava os primeiros acordes de violonista exímio que viria a ser, e eu que nunca passei da nota Ré segurando com três dedos desajeitados o braço do instrumento, pelas noites frias da Prata.

Anastácio, certamente, não guarda mais aquele velho companheiro das noites pratenses; cuida, como médico competente que é, do coração dos cearenses do Juazeiro. Mas, do nosso coração, não desapareceram os acordes de serrote-agudo, cacimba nova e festa no louro, tudo ali tão perto da gente.

A canção do poeta não se apaga. Ela prevalece e sobrevive na boca e no gesto de seu povo, porque foi feita pra ele. Ela será eterna porque, como diria Pedro Amorim: "ficou gravada no disco da ventania".

Joselito Nunes

outubro de 1987

DEDICATÓRIA

Dedico este singelo Volume, ou conjunto de palavras minhas, à minha esposa, Maria do Carmo Oliveira, nome como a conheci antes de nos misturarmos pela força do amor. Depois, quando nos unimos matrimonialmente, passou a ter meu sobrenome em seu nome: Maria do Carmo Alves. Companheira fiel dos caminhos de minha vida cheia de complicações, sempre me suportando como sou.

De nós dois veio um conjunto de filhos que entoam a canção eterna de minha existência. O nome de cada um deles é nota musical desta Divina melodia:

- Maria de Fátima;
- José Anastácio;
- Maria Lúcia;
- José Ubirajara;
- José Walter;
- José Paulo;
- José Itagibá.

Espiritualmente, dedico aos que voaram para onde está nosso Mestre e que, lá em cima, vivem a orar por nós:

- Maria José;
- José Maurício;
- Maria Salomé;
- Maria Isabel.

Aos meus Netos:

- Tibério;
- Tarcísio;
- Taiza;
- Tairone;
- Itamar;
- Iara Luci;
- Leonardo;
- Rafaella.

Aos meus falecidos pais que, para mim, continuam vivos e me transmitem forças espirituais, defendendo-me de todos os males:

- Pedro Marcolino Alves; e
- Francisca Gomes de Melo.

CAPÍTULO I

UM PASSADO QUE FICOU

Falar de coisas do passado é um dever, uma obrigação e compromisso com a lembrança, quando a gente se acha aferrado pelas esporas da saudade, quando o coração desembesta, recebendo o desaguamento das veias aceleradas pela enchente das emoções, quando se está a mastigar o tempo que, desapiedadamente, se foi embora deixando a doer o peito de quem ficou.

Assim foi que resolvi a fazer voltar o que ficou para trás, mas que não ficou; caminhará comigo, eternamente, para toda a minha existência, esse passado doce que construí como meu mundo.

De minha terra saí, faz dez anos. Por onde passei ficaram marcas de mim. Porém, vieram comigo coisas que me ferem e outras que me alimentam. Mas, o que é melhor, o que mais constrói, é ficar com o bom da vida. É como faço.

Há tropeços que passaram pela vida da gente, em momentos de hesitação que não foram, propriamente, um sacrifício. Foram uma lição para mais um amadurecimento na caminhada da vida.

Quero bem a todo lugar em que moro. É mais uma Pátria minha. É mais um chão que adoro. Hoje resido na cidade de Serra Talhada, minha Rainha, que fica às margens do Pajeú lendário que vai cair no S. Francisco, como disse Zé Dantas de saudosa memória. Gosto tanto desta terra, que costumo dizer que sou PARABUCANO: uma mistura de Paraíba com Pernambuco.

Serra Talhada! O que a Natureza fez na Serra, em sua obra de arte, a Cidade ganhou no nome. Ao lado, está a Serra como

um monumento, parecendo um animal Antediluviano que pediu a Deus para ficar ali como um contemplador, e de cabeça erguida para vigiar a mulher que teve o privilégio de ser a mais bela deste torrão Pajeuzeiro.

Mas... nasci no Sítio Várzea, do Major Napoleão Bezerra Santa Cruz, Município de Sumé, antes, de MONTEIRO; Lagoa do Peri-Peri, fazenda do velho Manoel MONTEIRO, depois Cidade com o nome do cognome do seu honroso dono, "LAGOA DO MONTEIRO".

Nesta existência de meio século que Deus me concedeu, estão empaioladas coisas importantes que não se afastam de mim um segundo. Vejo pelos olhos d'alma, toda aquela menina. Éramos donos da felicidade daquela redondeza e daquela época dourada que passou, vertiginosamente, e a gente não viu. Sítio Pau-Ferro, Carnaúba de Baixo, Umbuzeiro Cavado, Batizá, Formigueiro, Maracajá, Riacho da Roça, Volta do Rio... Ah! Que rio, esse da minha infância... Quando em suas cabeceiras chovia, era grande a ansiedade de toda a menina para ver o zigue-zague das águas soberbas, só de saber que iam cair no velho Paraíba. Parece estar vendo aquele acalentador e hospitaleiro Pé de Jiriqui à sua margem, com os galhos forçados pelos solavancos da cheia, formando defeitos na barreira para os esconderijos dos lerdos Jundiás, no escoamento das águas! Era, justamente ali, que nós, meninos travessos daquela terrinha, tínhamos o prazer de realizar boas pescarias, e nas companhias de Zé de Biá, Severino Góes, vivíamos a correr e a desafiar os tempos.

Nossos gritos em nossas brincadeiras retiniam, ecoavam, iam e voltavam naquelas pedras que eram edifícios da nossa infância. A gente a correr e a saltar, como cabritos nas primeiras trovoadas.

E as caçadas de Tanajura?! Aquele paladar que elas tinham, aquele período do seu aparecimento, aquele tríduo, era o nosso carnaval! Quando elas se encantavam, ficava com a gente aquele gosto, aquele sabor que elas tinham, causando-nos a maior saudade.

Baixo a cabeça e levanto o pensamento. Concentro-me para ver a PRATA pelos olhos da minha mente. Uma vilazinha para

onde fui aos dezesseis anos, ferido pela saudade do lugar em que nasci. Mas, as ilusões provocadas pela idade de rapazola, ali me amarraram para um tempo açucarado. Naquela nesga de terra, foi onde senti os primeiros impulsos da música.

PRATA... Uma pequena área, de um povo grande. Terra do poeta Né Camelo. Um genial que, por tragédia da seca, teve que emigrar, juntamente com seu genitor, para a terra dos seringais, o Amazonas, indo embora "o menestrel dos versos" aos sete anos de idade, quando, ferido pela saudade, fez seu primeiro poema. O gênio demonstrava, nitidamente, o tamanho da saudade que levava no peito, daquele chão em que nasceu: Malhada do Enxu, naquele Município.

PRATA de Adoneu, esposo de D. Jesuína, a quem ele chamava de ZUÍNA, pronunciada com o mais profundo amor.

A união daquele casal despertava a curiosidade de todos naquele lugarejo. Ele, cheio de carraspana, dizia: "Venha cá, minha filha"... Isto, pela força do álcool, embora, mais ainda pela força do amor. Ela também retribuía com as mesmas palavras. Que coisa tão linda era a vida daquele casal!

PRATA, antiga Mugiqui. Área que trago desenhada no meu pensamento, na minha Geografia Ilustrada, demarcada pelo teodolito da saudade.

Resolvi escrever ou anotar, com as minhas palavras e sem muita escola, o que na prática arranjei conversando com esse povo que é aula para qualquer pessoa curiosa. Falo de algo da minha terra e de outras regiões do Sertão Nordestino.

Esse povo de quem falo, à medida que a gente se vai relacionando com ele, vai ficando com a cabeça cheia de coisas boas.

Essas singelas "PROSAS SERTANEJAS" que escrevo, e que se dirigem a esse mesmo povo, são como saco de pedinte: tem feijão de toda cor. Mas da boca dessa gente, saem histórias gostosas que nos fazem desintoxicar desta vida cheia de correria, na época de hoje.

O Cantador de Viola, por exemplo, ou o CIENTISTA CANTADOR é o fenomenal repentista que diz, na velocidade do seu pen-

samento, em seis versos, o que uma pessoa comum não diz em meia hora de palestra.

No bojo deste Volume há prosas de repentistas, por presença de espírito, que são também poetas sem as rimas.

LUIZ MARINHO, de São José do Egito — PE.

Um homem enxarcado pelo tempo e pelas decepções que lhe marcaram a vida, deixando-o impaciente.

Certa vez, um sujeito gaiato que gostava de mexer com ele para ouvir sua resposta em cima da hora, chegou perto dele e disse: "Bom dia, São Luiz!" Ele, que tinha a vista um pouco curta, respondeu: "Com quem estou falando?" O camarada para se apresentar como filho de gente grande e ainda mais, para chateá-lo, disse: "Sou filho de Walfredo, São Luiz..." E para aperrear mais ainda o pobre velho, acrescentou: "Sou filho de Inácio Mario, São Luiz.D" O camarada citava nomes de políticos famosos de sua terra, dizendo serem seus pais. São Luiz, ao sentir a ironia do sujeito, afobou-se e disse: "Vigie se se lembra quem é seu pai, que sua mãe eu já sei quem é".

De outra feita, São Luiz foi preso por causa de uma desavença com uma mulher que arranjou como sua companheira, a qual o jogou em uma "boca de fogo", levando-o até à prisão. Naquela época, pagava-se uma taxa — CARCERAGEM — na hora em que o preso era posto em liberdade. O Delegado, com a cara muito enfarruscada, diz para São Luiz: "O Senhor vai pagar três mil réis!" São Luiz, com aquela sua maneira bem característica, responde: "faça um menos..." O Delegado retruca: "Isto aqui não tem menos, não! Será farinha de feira?" São Luiz torna a falar: "Mas eu vou ficar freguês da casa de hoje em diante, se acaso eu for continuar com aquela mulher".

Outra vez, São Luiz, blasfemando muito contra Deus, em consequência de seu estado de saúde, disse: "O homem-lá em cima tá me marcando"! Uma pessoa que ouvia São Luiz, responde: "Isto é dívida que o senhor tem, São Luiz". Ele, imediatamente, fala: "Do jeito que eu tenho sofrido, estão botando conta dos outros, na minha".

Continuando São Luiz no seu estado de ultrage, blasfêmia e devaneios, um rico que não gostava muito de gastar dinheiro, lhe diz: "O senhor parece que não confia em Deus!..." São Luiz responde: "Confio mais do que você". "Como prova?" pergunta o rico. São Luiz continua: "Tudo o que digo contra Deus, sei que Ele me perdoa, por ser Pai de Misericórdia. Se pego cem cruzeiros, gasto na confiança de que Ele me dá outros cem. Você tranca o seu no cofre, desconfiado de que Ele não lhe dê mais. Em quem está a maior confiança, em mim, ou em você?"

ANTÔNIO MARINHO, seu irmão, grande repentista e poeta, bom também na prosa, conhecido nacionalmente como grande talento, certa vez, chegando a Recife com seu chapéu "baêta" e sua característica de autêntico sertanejo, teve de passar por perto da Detenção. Um soldado que estava de guarda na Penitenciária, pergunta ao velho Marinho: "Você é do Sertão?" "Sou sim Senhor", respondeu o poeta. O soldado, irônico, pensando em gozar com o poeta, diz: "Sabe que casa é esta?" "Sei não Senhor", retrucou Marinho. Acrescenta o soldado: "Isto é a cadeia para prender esses cabras que vêm do Sertão"... Ora, o soldado era bem escurinho, e isto sugeriu a Antônio Marinho o preparo para o desfecho final: "Pensei ser outra coisa".

— "Pensou o quê?"

— "Pensei que fosse uma fábrica de fazer negro".

Mais uma vez, Antônio Marinho se encontrava em Recife. Aproxima-se de um Restaurante e pergunta: "Tem sopa?". O garçon, com toda ironia, responde: "Saiu agora". Naquele tempo, chamavam o ônibus de "sopa". Marinho ficou por ali, meio chateado, e sempre com a sátira do garçon no pensamento. Para seu desabafo, ouviu a voz do mesmo garçon: "Olhe a sopa, meu amigo"! Marinho responde em cima das buchas: "Deixe estar, eu vou a pé mesmo".

O genial Marinho também tinha as suas apimentadas pela força do improvisado, embora sem ser a propósito.

Voltando de uma cantoria, pela madrugada, quase de manhã, Marinho "desapeou" do seu jerico (jumento) para fazer uma obrigação fisiológica, evacuar. Baixou-se nas imediações de uma

casa, achando ele que ainda estava escuro e que ninguém o enxergaria, devido à distância em que se encontrava. Eis que uma mulher saiu na porta, pois na roça o povo acorda muito cedo, e diz em voz alta: "Não está vendo a casa aqui, não?" Marinho, a quem nunca faltou improviso, responde: "'tu, mas não gosto de fazer este serviço dentro de casa de ninguém, não".

Era uma prima sua a dona da casa, e terminou tudo em risadas...

Com esta pequena amostra, neste primeiro capítulo o leitor já tem uma pequena idéia do que será todo este livro: uma miscelânea; uma mistura de coisas boas com outras coisas especiais do Sertão, de cabras "discabriados", mas natos que, sem influência revelam seus sentimentos com suas próprias palavras, como somente eles sabem dizer.

CAPÍTULO II

O MEU ENCONTRO COM O REI DO BAIÃO

Muitas e muitas vezes escrevi cartas a Luiz Gonzaga, "Rei do Baião", e nada de resposta. Quem muito me incentivava quando me ouvia cantar era Evandro Ramos, meu conterrâneo e amigo. Era ele quem fazia minhas cartas, pois eu achava que jamais iria ouvir uma música minha gravada pelo "Rei".

Quando eu já tinha perdido as esperanças, numa madrugada em que eu tinha de ir a Sumé, receber o dinheiro de um boi que eu havia vendido. Nessa mesma madrugada, eu sonhei que atirava num bicho e matava dois. Ao amanhecer, eu disse para minha mulher: "Hoje vou à procura de um negócio e vou realizar dois". E foi uma verdade. Fui a Sumé, recebi o dinheiro desejado e encontrei-me com Luiz.

Chegando a Sumé, dirigi-me a um hotelzinho para tomar café. Meu irmão e compadre Antônio Marcolino, me aborda, espantado por já saber do meu grande desejo, e diz: "Luiz Gonzaga está aqui na cidade". Imediatamente pergunto: "Onde ele está hospedado"? Duas vezes responderam de uma só vez: "No Grande Hotel".

Deixei o café e saí como um louco à procura do homem. Na porta do hotel, ali um pouco sem jeito, vi uns rapazes ajeitando uma "Marinete" amarela, que fiz a suposição de ser a do Luiz, e os rapazes, seus acompanhantes. Entre eles havia um anãozinho, O Xaxado, a quem perguntei pelo Lua: "Você sabe me dizer se o "Rei do Baião" está hospedado neste hotel"? E Osvaldo, o anão de um coração tão grande, aquela figurinha de Cachoeira

de São Félix, olhou para mim na ponta dos dedos dos pés e informou-me com a maior delicadeza: "O senhor pode esperar aqui, no pé desta escada, que ele está já descendo. Ele vai sair agora".

Com poucos minutos, lá vem descendo aquele moreno mal encarado, que conheci ser ele, mas fiz que não estava reconhecendo quem tantas vezes só tinha visto pelas fotografias e pelas capas de discos.

Aproximei-me e disse: "O Senhor é que é São Luiz Gonzaga?"

— Sou, por que?

— O Senhor nunca recebeu cartas de José Marcolino Alves, não?

— Sei não. Recebo muitas. O que era que diziam essas cartas?

— É porque eu tenho umas músicas de minha autoria, que eu acho dão certo para o Senhor.

— É... O Sertão é composto de homens inteligentes. Mas... quem sabe se essas músicas prestam?!

Diante daquele vozerão áspero, caiu sobre mim uma tempestade de insegurança, um gelo tomando conta de mim, que me faziam dizer comigo mesmo: "prestam não..."

Mas ele ali fez uma pausa e disse: "Depois eu posso lhe atender". Pediu licença e saiu.

Fiquei sem jeito. Saí tonto pela rua, ouvindo vozes de críticas pelo subconsciente. A cabeça martelando, refleti: "Será que é porque eu tenho esta cabeleira grande, este chapéu de cigano, este bigode demasiado? Talvez ele pense que sou algum desordeiro". Pensei então em pedir a alguém que me apresentasse como pessoa.

Haviam-me dito que durante aqueles dias da estada de Luiz naquela cidade, as pessoas que estavam mais ligadas a ele eram: José Farias, o Prefeito, e o Juiz da Comarca. Saí direto à procura de José Farias, compadre de meu pai. Procurei-o para essa apresentação.

Ele me diz: "O que é que você quer apresentar a Luiz Gonzaga"?

—Umas músicas, respondi-lhe. Eu já me apresentei a ele sozinho, no Hotel, e ele disse que depois me atenderia.

Zé Farias franziu o couro da testa, um pouco desanimado e disse: "Mas é preciso ele julgar suas músicas, pra saber se prestam. Ele só grava músicas de compositores famosos. Agora mesmo ele gravou uma de Rosil Cavalcanti, um arrasta-pé: FAZ FORÇA, ZÉ".

Com essa conversa me senti humilhado e achei que o Zé que precisava criar forças, era eu. Sentindo-me ferido, disse: "O senhor não sabe o que é música, não. Apresente-lhe a minha pessoa e deixe a música comigo e com ele".

Zé Farias, por ser uma pessoa um tanto temperamental, embora sendo, ao mesmo tempo sensível e gostador de servir, diz: "Então, venha depois que eu lhe apresento".

Saí com as orelhas pegando fogo e pensando comigo mesmo: "Não quero mais pedir apresentação a ninguém".

Nesse momento de indecisões, encontrei-me com Viton Leite, também um chefe político e meu amigo que, ao me avistar, vai logo dizendo: "Eu estava agora mesmo pensando em te fazer uma apresentação a Luiz Gonzaga, para ele te ouvir. Animou-me um pouco mais e reafirmou: "Olha! doze horas procura-me para eu te apresentar".

Eu já estava chateado, mas saí pela rua afora quando me encontro com meu amigo Izaías de Mestre Raimundo, da cidade de Ouro Velho — Paraíba que, ao me avistar, ficou de venta acesa, dizendo: "Já viste Luiz Gonzaga?"

— Já, e não quero vê-lo mais nunca, respondi.

O rapaz, espantado: "Já cantou pra ele ouvir?"

— Não, retruquei.

— Então você está mal informado. Aquela música, Pássaro Carão, é a Sanfona de Luiz, Zé!"

Acalmei-me, pensei comigo mesmo depois daquela injeção de ânimo e boa vontade dada pelo rapaz, meu amigo, e refleti: “É mesmo”... E combinei comigo mesmo: “Vou sozinho agora, me reapresentar”. E saí diretamente para o hotel.

Fiquei na porta e, com poucos minutos lá vem Luiz, acompanhado do juiz da cidade, Dr. Amauri, hoje meu amigo e compadre e juiz corregedor na Paraíba. Também acompanhava o Rei, uma cantora que viajava com ele, Inalba, uma paulista. Aí a coisa foi mudando de aspecto.

Luiz foi se aproximando de mim, dizendo: “Eu prometi de lhe atender, não foi? Vamos entrar, para eu lhe ouvir”.

Sentamo-nos ao redor da mesa. Ele meio chateado com a aglomeração de pessoas que se aproximavam no momento, perguntou-me: “O que é que você tem para me dar em música?”

— Vou cantar-lhe uma que fiz em réplica a “Moxotó”, feita por Jackson do Pandeiro. Nesse meu xote, eu mostro as bravuras do Piancó, que fica no meu Estado, com as bravuras dos cabras de lá.

E comecei:

Você não pense que é só no Moxotó
Que tem cabra extravagante
Ele não está só, vou-lhe provar
Que também no meu Estado
Tem sujeito viciado
Como bem, no Piancó, se atirar pra
Burro brabo e segurar no mocotó.

Terminei de cantar a música, ele fez um ar de riso e disse: “Quantas músicas vai me dar para eu levar?”

Eu criei alma nova e respondi: “Vou dar umas três”.

Ajeitei-me, pigarreei e cantei Pássaro Carão:

Pássaro Carão cantou
Anum chorou também
A chuva vem cair

No meu Sertão
Vi um sinal, meu bem
Que me animou também
Ainda ontem eu vi
Pólvora no chão

Fiz da boca uma sanfona, balancei a introdução “bocalmente”, e o resultado foi de muita alegria. Luiz me abraçou, assanou meus cabelos e disse: “Vou lhe levar para o Rio, comigo. Gostei de sua voz, de suas músicas; você vai gravar também. Passarei por aqui, daqui há dois meses, para lhe apanhar”.

Ouvi, então, uma voz forte que dizia: “Cante “Serrote Agudo”, para ele ouvir”...

— Não! Aquilo foi uma toada que fiz pra vaqueiro cantar nas vaquejadas, respondi.

— Quero ouvir, disse Luiz.

Cantei. Ele achou muito bonita, e deu muita sorte.

A pessoa que me mandara cantar “Serrote Agudo”, era Casimiro Duarte, meu amigo e conterrâneo de Sumé.

A noite, ao chegar da viagem em casa, alegre por ver quase realizado meu sonho, embora triste por ter que ir para o Rio, ao cruzar os batentes daquela palhoça que abrigava já seis filhos, pois àquela época não tinha chegado ainda meu caçula, ITAGIBÁ, fui dizendo à minha mulher: “Encontrei-me em Sumé com Luiz Gonzaga”. E quando eu disse que ele me vinha buscar dali há dois meses, minha filha mais velha, Maria de Fátima, caiu no choro. Anastácio já era taludinho, começou a choromingar. Que momento misto, de alegria e de pranto!...



Marcolino (Juazeiro-BA, 1976)



Com Luiz Gonzaga
(Juazeiro-BA, 1976)



Marcolino (Juazeiro-BA, 1976)

CAPÍTULO III

O DIA ESPERADO, CHEGOU...

Quando menos eu esperava recebi um telegrama de Luiz, vindo do Recife: "Junte os trens, que estou passando por aí para lhe apanhar". Baixei a cabeça e senti a dor da separação de meus filhos, da minha mulher, de meus pais e, finalmente, de tudo daquela terrinha que tanto doía ficar distante dela.

Mas, comigo uma voz forte falava dentro de mim: "É preciso; tenho que lutar por este povo a quem pertença". Depois vinha o medo da ausência dos meus filhos, e eu hesitava: "Vou dar as músicas para ele levar e não vou".

Comecei a juntar umas coisas para vender, a fim de deixar algo para a família em casa: uma sela roladeira, um burro de minha montaria tantas vezes usado para comprar um gadinho à prazo, às vezes afiançado por Luciano Dantas, e outros objetos de estimação. Quando eu vinha da entrega dos troços, espantei-me pela zuada de um carro na estrada. Quando olhei, era Luiz que foi logo gritando: "Já está pronto pra viajar? Vamos embora!... — Hoje eu não posso ir. Tenho umas coisas a arrumar, inclusive, apanhar e pagar umas roupas que mandei costurar em Sertânia pelo alfaiate Dudu, e só posso ir de amanhã em diante. Ao que Luiz respondeu: "Eu passo em Sertânia, pago as costuras, deixo um lugar pra você se hospedar enquanto eu vou a Patos, na Paraíba. Espere-me, que chego".

Assim foi feito. Segui pra Sertânia naquele dia 7 de outubro de 1961. Quase não suportava a despedida de minha mulher e de meus filhos.

Saía eu naquela madrugada, sem poder olhar para trás, banhado em lágrimas, sem costume de sair de casa, deixando Zé Paulo que era o filho mais novo, naquela época com dois meses de nascido. Sentia um enorme peso nas pernas, quase puxado pela dor da ausência que já me doía tanto. Mas depois, levantava a cabeça e comigo mesmo resmungava: “Tenho que lutar por meu povo”.

Quando cheguei na cidade de Sertânia, Princesa do Moxotó, já estava meu lugar reservado na casa de Jorge Paulo, um inspetor de veículo compadre de Luiz. As roupas me esperando, já tudo pago. Ali aguardei sua chegada, que foi logo no mesmo dia.

Nesse período estava-se realizando uma vaquejada naquela cidade e Luiz já havia cantado. Logo que chegou, mandou-me ir receber o seu dinheiro da dita apresentação na vaquejada, dizendo: “Vá receber vinte e cinco mil cruzeiros da apresentação que dei aqui, para ir logo se acostumando a pegar em dinheiro”.

Quando tudo estava pronto, saímos para Afogados da Ingazeira e lá estreei como porteiro no prédio do cinema daquela cidade num “show” de Luiz, transmitido pela Rádio Pajeú. Ali Luiz me fez a maior surpresa cantando “Pássaro Carão”, antes de ser gravado, dizendo: “Vou cantar uma música de um caboclo que vou levando para o Rio de Janeiro”. Quase morro de emoção.

No outro dia seguimos paraarnaíba, para a segunda apresentação daquela jornada. A terceira foi na cidade de Flores. De lá seguimos em direção do Navio, passando por Sítio dos Nunes, Barra do Juá, onde deu um defeito no carro e ficamos ali, até à tarde, chegando a Floresta do Navio às cinco horas para o almoço. Pernoitamos, no outro dia fizemos uma apresentação. Seguimos para Belém de São Francisco e, de lá, para o Araripe, onde passamos três dias na casa de São Januário. Gostei tanto daquele velho da idade do meu pai...

Retornamos a Belém de São Francisco, onde fomos hóspedes de Antônio Moreno, um tocador de oito baixos amigo de Luiz, do qual levou o “fole” para consertar no Rio de Janeiro, recebendo-o de volta somente no nosso próximo retorno.

Vimos ainda a Floresta do Navio, pois Luiz havia deixado um bode retalhado para levar na viagem. De lá seguimos para Petrolândia, onde nos apresentamos num clube, tendo havido uma exibição antes em Barreiras.

Paulo Afonso foi o nosso próximo destino. No Clube dos Operários, hoje o COPA, tive minha primeira grande guerra de nervos impulsionado pela força da emoção: cantei pela primeira vez no palco. Quando o animador do programa chamou meu nome, minhas mãos gelaram. Luiz começou a jogar umas brincadeiras para o meu lado, a fim de me controlar, e largou a introdução. “Cantei “Sertão de Aço”:

Se você visse como é o meu Sertão

Então você diria que eu falo com razão...

O público me aplaudiu. Animei-me. Cantei o segundo número. Luiz, satisfeito, disse depois: “Eu tenho idade de conhecer um valor... Graças a Deus”. Aquilo me enchia de alegria.

Dali seguimos pela Bahia afora: Tucano, Ribeira de Pombal e Cipós. Pegamos depois a Rio Bahia e, em Cícero Dantas, fizemos nossa última apresentação em território baiano, seguindo diretamente para o Rio de Janeiro. Na Cabana do Rei, seu “Hotel Fazenda”, D. Helena já nos estava esperando prevenida que fora por Luiz, pelo telefone, de quantos éramos os acompanhantes, inclusive um rapaz de Campina Grande que D. Helena o batizou por “Antônio de Mãe”. Já era o mês de novembro.

Na Cabana, interior do Estado do Rio, junto a Miguel Pereira, Senador Portela, Vila de Ferreiros, perto de Vassouras, fui logo vendo o que muito gosto: cantar de pássaros o que me fazia lembrar a minha terra.

Dona Helena, com aquele jeito de muito vidente e psicóloga, disse: “Boto esse apelido em Antônio, porque foi criado com muito dengo. O São Marcolino vai ser hóspede de nossa casa. É um pai de família e nos vai dar trabalho fazê-lo se acostumar longe da terra”.

Foi uma verdade. Quanto mais afago eu recebia, mais achava as coisas estranhas. Reservaram-me um apartamento que fazia parte da grande Cabana, e ali eu me deitava cedo para lembrar sozinho, meus filhos, minha mulher e minhas coisas que ficaram tão distante.

Construí alguns amigos, que eram vizinhos da Fazenda do Rei. A minha amizade maior era com o casal de mineiros: Osvaldo e D. Tereza. Ela fazia uns pratos gostosíssimos, que até me inspiraram a fazer-lhe uma música em sua homenagem, pois eram bem merecidas a arte e as mãos abençoadas daquela mineira sorridente.

Uma das minhas grandes diversões naquele meio, era conversar com João Germânio, um trabalhador da fazenda, moreno falante, inovador de palavras, que se dizia inspirado, nestes termos: “A Otmosfera e os Adesastros estão agitados!” E me perguntava: “Gostou, São Marcolino”?

— Isto é uma beleza, respondia-lhe eu.

E ele ficava todo cheio de dedos...

Relembro os filhos de São Adílio, vizinho da Cabana. O Mourinho, menino que vinha buscar o leite e ouvia as minhas músicas que o Luiz estava trabalhando para serem gravadas. Ele escutava, aprendia e saía cantarolando. E Luiz dizia: “Olhe, antes de serem gravadas já estão fazendo sucesso”...

Era perto do Natal. Luiz foi acidentado quando viajava com Xaxado e foi atendido pelo Hospital de Miguel Pereira, em fase ainda de inauguração. Quando fui visitá-lo, ele falou para mim: “Eita, Marcolino! Quase que as músicas iam ficando sem gravar”...

Fiquei fazendo preces pela sua recuperação, pois, era dali

que eu estava contando com o futuro de quem tanto me esperava em casa.

Superada essa dificuldade, na manhãzinha do dia 18 de janeiro de 1962 estávamos nos estúdios da RCA, para gravar. Lembro-me até de uma discussão que Luiz teve com um Delegado da Ordem dos Músicos do Brasil, querendo este que Luiz e seus acompanhantes se inscrevessem naquele Órgão, senão a gravação seria impedida.

Luiz, sertanejo temperamental, partiu para pegar o homem que, com um jeito bem amável, falou: “Entenda, Luiz! Eu sou um admirador seu! Provo isto com um pé de laranja no quintal de minha casa, que tem o seu nome”...

Luiz mudou de semblante, riu e inscrevemo-nos todos. Começamos a gravar pelas dez horas do dia, de tal modo que, à tardezinha, estava pronto o LP.

Naquela época era gravado tudo na hora. Não era como hoje, não. Eu fiz parte da gravação, tocando num gonguê. Xaxado no triângulo. Aloísio, irmão do Lua, no zabumba. Ganhei um “cachet”, que valia por dois salários do Rio de Janeiro, naquele tempo.

Fiquei feliz da vida. Botei o dinheiro no Banco e mandei para minha família.

Naquele LP, que teve o título de “Véio Macho”, foram gravadas seis músicas minhas. Os cabras da gravadora olhavam pra mim e diziam: “É o Adelino Moreira do Sertão”...

Daí fomos trabalhar o disco, partindo do Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, num vôo com três baldeações: São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. Na viagem Luiz brincando comigo, dizia: “Zé Marcolino inventou de fazer “Pássaro Carão” para agora ir voando das nuvens para cima!” Aquilo, para quem ia “fazendo das tripas coração”, me servia muito.

Em Porto Alegre, juntamente com muitos artistas, fomos hóspedes do “Hotel Paz”, fazendo refeições na “Cantina Grande”.

Nessa viagem iam: Carlos Gonzaga e Agostinho dos Santos, de quem muito recorde a educação e a cor morena.

Na volta hospedamo-nos no "Hotel Plaza", em Curitiba, na avenida João Pessoa.

Chegando ao Rio de Janeiro, começamos a fazer "shows" nos grandes centros e arredores, inclusive em São Paulo, cantando em bairros e em circos que "é onde está o dinheiro", como dizia "o Rei", tão trabalhador.

Luiz me animava aconselhando-me a gravar. Eu ficava calado, fazendo meus planos: "é melhor ficar junto a meu povo"...

Eis que chegou o dia de arrumar nossos trens e irmos para o Nordeste. Para quem só vivia contando os dias, as horas, os minutos de ver isto realizado, não poderia haver notícia mais agradável. A vontade de reencontrar os meus falava muito alto.

Luiz pensava que eu ainda retornaria ao Rio. Mas, seguramente, não era este o meu pensamento.

Partimos do Rio. Pessoalmente, eu tinha muita pena do casal Osvaldo e Tereza. Mas, o desejo de chegar junto aos meus era mais forte. Fizemos uma única apresentação na viagem, em Itaobim — MG, antes de chegar ao Nordeste. Viemos direto para fazer duas apresentações em Floresta, respeitando a velha tradição dos dois clubes, das duas famílias tradicionais.

Passamos por Belém de São Francisco, onde Luiz entregou o fole de Antônio Moreno, prontinho. Ficou muito bonito o concerto. Seguimos para o Araripe, mais precisamente para a casa de São Januário, onde passamos uns dois ou três dias. Depois Crato, Fortaleza, onde permanecemos alguns dias lindos, sem dúvida, pois ouvíamos pelas Rádios de lá, "Pássaro Carão", a coqueluche daquela região de Alencar.

De Fortaleza fomos a Sobral. Era a inauguração da Rádio Tupinambá, do Pe. José Palhano de Sabóia. Cantamos o São João num baile irradiado pela Rádio Iracema de Sobral. Terminada a temporada, retornamos ao Crato. Era hora de me des-

pedir de Luiz. Peguei um ônibus para Campina Grande e, dali, outro imediatamente para Sumé, terra em que nasci.

Chegando a Sumé fretei um carro por Cr\$ 1.500, para me deixar na Prata, onde me criei e a quem tanto amo. Era o dia da feira. Foi aquela festa dos conhecidos. Minha mulher abraçou-me de tanta alegria. Só me faltava mesmo ver os filhos, que se encontravam no Sítio Pio IX, daquele Município.

Ao chegar em casa, Fátima, a minha filha mais velha, me abraçou chorando e dizendo: "Ô xente, Pai"... Como quem diz: "Pra que demorou tanto?... Para cada um deles trouxe um presentinho e foi aquela felicidade..."

Ali, naquela casinha humilde, fiquei junto aos meus filhos. Mas o organismo me foi cobrando a temporada que passei enfrentando ambientes que eu não tinha costume de enfrentar.

Atacou-me uma "Neurose Angústia". Fiquei doente, vencido por um sistema nervoso mais horrível do mundo. Entrei em tratamento e, em 1963, graças a Deus e ao Dr. José Ramos Reinaldo, grande médico e conterrâneo, eu já me sentia recuperado daquele nervosismo.

Fiquei ainda um pouco desconfiado de mim, sem querer dar as caras para ninguém. Meu compadre Augusto Rita e meu amigo Zuca Miranda, sabendo disto, juntaram-se e me pegaram, quase que a pulso, e disseram: "Vamos fazer o São João em Sumé, com você".

De fato, fizemos o São João à custa de muito incentivo e animação da parte deles dois que, me pegando um num braço e o outro no outro, começamos a festa. Devo essa gratidão a eles.

Terminado o baile de São João o presidente do Clube, Zé Quintans, disse: "Vamos fazer, novamente, o São Pedro!" Eu, que tinha achado bom ganhar aquele, até bastante dinheiro, organizei um conjunto e saí aproveitando o apoio do povo de minha terra, a quentura das minhas músicas gravadas pelo Rei, e larguei-me de mundo afora.

Todas as vezes que eu via um grande público em minha frente, me lembrava do Rei do Baião e comigo refletia: "Se ele não tem gravado minhas músicas, ninguém me queria ouvir"...

Até hoje guardo todo o respeito pelo grande "Lua", que também gosta tanto de me ouvir cantar. A ele devo a facilidade das amizades que tenho hoje.

É um grande mestre! Grande companheiro!...

CAPÍTULO IV

EU E O CARÃO

Quando eu estava atacado por problemas no sistema nervoso e pela angústia, como falei anteriormente, acordei assustado pelo canto de um carão, que me fez ir ao médico no outro dia. Este me diagnosticou perfeitamente são.

De volta encontrava-me feliz pela conversa do médico e, pensando que o carão, naquela noite, pudesse estar sofrendo como eu estava, fiz estas estrofes pensando nele e em mim:

Deitei-me uma ocasião
Devido a pouca saúde
Acordei por, no açude,
Cantar, penoso, um carão
Entoava uma canção
Ou por outra, mesmo um hino
Imitava um violino
Acordei, não dormi mais
Quantas notas musicais
Num crânio tão pequenino!

Só sei que a dificuldade
"Tava" na alma da gente
Eu soluçava doente
Ele, a cantar com saudade
Talvez fosse uma amizade

Que o fizesse sofrer
Prantos do seu padecer
Vieram tocar nos meus
Eu, de cá, pedindo a Deus
Alívios pra o meu viver

Começo a meditar
Em minha imaginação
Penso que aquele carão
Cantou pra me controlar
Senti que o seu cantar
Acalmou as minhas dores
Ele, pelos seus amores
Eu, pela questão nervosa
Naquela noite inditosa
Éramos dois sofredores.

Ele cantava sem calma
No açude, atrás de um morro
Suas notas de socorro
Deixaram alívio em minh'alma
Da paz, eu ouvi a palma
E melhorou tudo enfim
"Tava" um bulício o capim
O vento soltava açoite
Parece que até a noite
Fazia preces pra mim.

Seu cantar foi se alongando
Eu de cá da cama ouvindo
Eram dois entes sentindo
Um cantando, outro chorando
Onde estará pousando
Com seus tons harmoniosos?
Os meus momentos nervosos
Graças a Deus, já passaram.
Se os seus aliviaram
Somos dois vitoriosos.

As vezes me recuso a fazer versos porque já tem muita gente boa nessa área. Gosto de falar através daquilo que tenho mais liberdade: meus baiões, minhas músicas. Mas, certa vez, para atender a alguém que me encomendou, fiz este "mote" em de-cassílabo:

TUDO QUANTO EU SOFRER NA MINHA VIDA
SÓ ME QUEIXO DA TUA INGRATIDÃO

Se eu sofrer de hoje em diante, és a culpada
Rende em mim essa queixa incomparável
E tu és a primeira responsável
Se minha vida tornar-se amargurada,
Tu foste cruel, foste malvada
Traíste meu pobre coração
Se mancharem minha reputação
Ou se minha moral for abatida
Tudo quanto eu sofrer na minha vida
Só me queixo da tua ingratidão.

Tanto que te amei e te quis bem
E depois me enganaste, fui traído
De hoje em diante se eu me fizer bandido
A culpada és tu e mais ninguém
Se eu for censurado por alguém
Só me queixo da tua traição
Oh! que tempo perdido de ilusão
Eu propalo ao mundo, mulher fingida
Tudo quanto eu sofrer na minha vida
Só me queixo da tua ingratidão.

Inda mesmo eu chegando a pressentir
Que outra quer me dar tristes delírios
Só me queixo dos primeiros martírios
Foste tu a primeira a me iludir
Vieste como Judas me trair
E eu marchando pra esta escuridão

Oh! Que tipo volúvel e sem ação
Minha sorte por ti foi perseguida
Tudo quanto eu sofrer na minha vida
Só me queixo da tua ingratidão.

Pela vontade de ser um bom cantador de viola, que eu acho o artista mais completo, às vezes saio brincando de cantar de viola, fazendo alguns improvisos. Certa vez fiz estas sextilhas viajando pela estrada, olhando para as pastagens novas no início do inverno:

No inverno do Sertão
Vê-se um touro furioso
Jogando terra no lombo
Como que esteja raivoso
Mostrando a vitalidade
Que tem do capim mimoso.

E por ali afora saí fazendo mais outras, as idéias a se assanharem foram chegando mais coisas:

Ventos fortes me perturbam
Soprando nos meus ouvidos
Como que vêm dos telhados
Dos casarões construídos
Pelos colonizadores
Dos remotos tempos idos.

Certa vez eu estava em Monteiro com Firmo Batista e começamos a cantar, brincando e batendo na mesa de um bar. Firmo terminou uma sextilha assim:

Nossa morada é o ponto
Que nos dá mais confiança

Daí, peguei no deixa:

Daqui eu mando lembrança
Mais segura e mais direta
Pra minha choupana humilde
Aonde mora um poeta
Sete filhos, uma esposa
Felicidade completa!

Mas os cantadores profissionais fazem tudo isto com a maior facilidade, sem arroudeios. Eu os chamo de "Divinos Cantadores".

Outra ocasião eu estava junto a uns amigos de farra e tomávamos alguns aperitivos. Surpreende-me o canto nervoso de um canário preso numa gaiola. Comecei a maldizer por causa daquele pobre que cantava na prisão.

Por outro lado uma voz forte contestava, salientando: "O canário canta porque está feliz". Eu retruquei: "Ele canta porque não saber chorar". Então, criei este mote: "PRIVADO DA LIBERDADE".

Afastado da campina
Fica o canário tristonho
A tristeza lhe domina
Por ver seu irmão por sonho
Sem voar pelo baixio
Sem ver a água do rio
Aumenta sua saudade
Sem se afastar do calvário
E assim vive o canário
Privado da liberdade

Se lembra da aroeira
De lá do pé do serrote
Lembranças da quixabeira
Que vivia o seu magote
De sofrer, já não se agüenta
Com os paus que o sustenta
Sem ter culpabilidade

Por encontrar quem lhe prive
Sem ter pena de quem vive
Privado da liberdade

Sem ver o jatobazeiro
Que nele sempre vivia
A sombra do umbuzeiro
Na calma do meio dia
Ele com tristeza canta
Mas o desgosto lhe espanta
Por estar preso na grade
Que assim não lhe consola
Vivendo numa gaiola
Privado da liberdade

O seu desgosto é sem fim
Por não ver seu irmãozinho
Os fragaços de capim
Que construíam seu ninho
E o pobre na prisão
Lhe chega recordação
Mágoa, pranto, crueldade
Isto afasta seu prazer
Por estar, sem merecer
Privado da liberdade

Canta triste na prisão
Aquele cantar sem gosto
Aquilo é recordação
A falta do seu encosto
Ficou o seu camarada
Sozinho lá na chapada
E de vê-lo tem vontade
Sofre por ser indefeso
Como é triste se estar preso
Privado da liberdade

Leva sua vida aflita

Por recordar um passado
Que a fruta da parasita
Tinha um doce açúcarado
Recorda-se do graúna
No olho da baraúna
Com sua sonoridade
E hoje no cativoiro
Pelo seu dono grosseiro
Privado da liberdade

Tenha pena do canário
Que não fez mal a ninguém
Fazê-lo um presidiário
Sem tirar vida de alguém
Deixe-o cantar voando
Que o campo está lhe esperando
Na maior ansiedade
Seja humano e consciente
Não se deixa um inocente
Privado da liberdade

Oh! Que malvado alçapão
Com o teu golpe tremendo
Foi pela tua traição
Que hoje vivo sofrendo
Tu a mim causaste queixa
Tua porta quando fecha
Traz a contrariedade
Tu sem compaixão de mim
Por que me deixaste assim
Privado da liberdade?...

CAPÍTULO V

UM PASSEIO AO CENTRO OESTE

No início do mês de setembro de 1984, a convite do Grupo Relâmpago, saímos numa "Veraneio", de Recife, sete homens com destino ao Centro Oeste do Brasil.

Começamos a cortar o chão numa manhã, pela Zona da Mata Sul de Pernambuco, passando pela Terra dos Marechais, as Alagoas, Sergipe, Bahia, Terra da Crença, pernoitando em Feira de Santana.

Na manhã seguinte continuamos, deixando para trás o grande traço da estrada, que já marcava a distância em que nos encontrávamos. Na paisagem da Bahia víamos serras que tinham feitos de animais, enfeitando a viagem.

Cada companheiro, um irmão. Quando o enfado nos queria dominar, tomava-se uma lapadazinha de uísque. O carro pedindo estrada e os horizontes desejados chegando para perto.

Do tão amigo Grupo Relâmpago, iam conosco: Maurício e Luiz Ricardo, na intimidade o Lula; Augusto Granja, casado na família do Grupo a quem consideram como irmão; Miguel, o Espanhol, industrial e bom amigo; o velho índio Mota, funcionário da Relâmpago e Edson, cunhado do Coronel Fernandes Soares, Chefe da Casa Militar de Pernambuco.

As melhores brincadeiras surgiam nessa longa viagem. Uma com um pouco de maldade de cada um e uma pulhazinha, para

variar. Outras, recordavam a tradicional do padre "NOBREGA", tão falado por Zé Limeira, Poeta do Absurdo, de Orlando Tejo.

Na cidade de Seabra, na Bahia, a gente se abriu com um empregado, a quem tudo que a gente procurava ali naquele posto, ele respondia: "Aqui não tem". E acrescentava: "Procure ali mais adiante que tem". Parecia até que ele era empregado do outro, fazendo lembrar o programa "VIVA O GORDO", naquela parte do "garçon".

Dáí seguimos pela imensa estrada, atravessando o São Francisco em Ibotirama, na Bahia, chegando a Barreiras, no mesmo Estado, onde pernoitamos.

No outro dia continuamos em direção ao poente, deixando a estrada de Brasília, entrando no Estado de Goiás por Dianópolis. Ali almoçamos num hotel simples, onde o proprietário estava sempre a telefonar, sobretudo para o Senado Federal, em Brasília. Tinha um linguajar matuto, mas parecia ter grande intimidade lá pras bandas da Capital.

Após o almoço retomamos a viagem, atravessando o rio Tocantins perto da cidade de Almas, em Goiás, e, logo em seguida, dois afluentes do Tocantins: O Santa Tereza e o Manoel Alves. Dali passamos na cidade do Peixe, naquele Estado, Gurupi, já à noite, onde nos esperavam dois irmãos do Grupo Relâmpago: Carlos Gilberto e José Otávio, que nos tinham reservado as dormidas.

Pela manhã do dia seguinte chegamos à cidade de Dueré, ocasião em que pudemos telefonar para nossas famílias, por conta do maravilhoso Grupo. Já estávamos nos confins de Goiás.

Com mais de duzentos quilômetros de distância, esperava-nos o restante dos companheiros, vindos de São Paulo, em uma propriedade do Grupo. Até lá, na grande travessia, onças cruzavam a estrada. Veados pastavam bem perto da gente. Assim chegamos a Rio Formoso, ao fechar da noite.

Deixamos os carros. Seguimos em barcos a motor para um rancho bem equipado e organizado, à distância de alguns quilômetros.

Naquele paraíso florestal fizemos morada. A fauna e a flora causavam-nos a maior emoção. O canto dos pássaros convidava-nos para um novo mundo, cheio de encanto e paz. Adejava, às margens do rio Formoso, o martim pescador. Grasnava o jacu cigano com suas penas multicoloridas, enquanto o pavão-do-pará fazia roda, como que agradecendo a Deus, a vida.

O velho colhereiro, de gola vermelha, empolado de orgulho cortava o céu da mata. O jaburu (joão grande), faceiro, tem no andar a impressão de um moço branco, andando de braços para trás. Seu vôo é a coisa mais interessante: corre um pouco para a frente e, só após alguns metros é que levanta, devido à dificuldade causada pelo tamanho das asas. O biguá, parecendo um escafandrista singrando as águas, tem a cabeça fina e, quando levanta vôo sai zombando de tudo, como se todo aquele mundo fosse dele.

O boto, dando seus sopros ao redor do barco, em sinal de socorro aos barqueiros, conforme a crença popular, sempre a mostrar o lombo e concorrendo também para uma boa pescaria. A arraia, com seu ferrão venenoso para defender-se de quem a vier atacar. A pirarara, ao sair da água, pelo anzol, dá esturros de protesto pelo ataque à sua liberdade. O tucunaré cai fácil no molinete e é muito bem preferido pelo pescador. O gigantesco pirarucu, dando o maior prazer a quem o pega.

Para completar a felicidade de quem o pesca, o surubim é um grande e delicioso prato.

Foi assim que conheci de perto o que eu só conhecia através da história, graças ao Grupo Relâmpago, composto de sete irmãos que transmitem felicidade para os outros.

Vim embora dali com a imagem de tudo quanto vi no rio Formoso, paraíso dos jacarés que, à noite, parece uma cidade bem iluminada, seguindo pelos afluentes do Araguaia: rio Dueré, Formoso, Javaé, que são veias sanguíneas que entram pela direita do corpo do Araguaia.

Meus agradecimentos à turma Relâmpago, tanto por esse contato que mantive com o que mais gosto: a Natureza, como

também pelos demais favores recebidos, principalmente do Dr. Luiz Ricardo, o Lula, um homem sério, que com muita dignidade exerce a função de diretor financeiro daquela honrosa Empresa.

Sem o apoio desse pessoal, jamais eu teria condição de ir a essa longínqua região.

Pelo que se sabe, a Empresa Relâmpago foi fundada pelos seis irmãos. De início, Carlos Gilberto e Roberto Mário. Em seguida, Maurício, José Otávio, Artur e Luiz Ricardo que assumem a responsabilidade de sua direção, fazendo-a evoluir, estendendo-se por todo o território nacional. Seus empregados são capazes desempenhando, cada um, o seu papel, uma vez que têm patrões competentes, humanos, reconhecedores dos esforços que cada um desempenha na composição dos esteios da Empresa.

Desejamos que seja sempre multiplicado tudo o que ali for produzido, para o bem de todos nós, especialmente daqueles empresários, a quem adoro, e que merecem todo o meu respeito.

CAPÍTULO VI

MANOEL BELARMINO DE SOUSA (Dunga da Barra)

Costumo dizer que sou um homem feliz. E isto é pura verdade. Sou feliz por conhecer, de perto, algumas figuras importantes de nossa história. Digo importantes, heróicas; não figuras que forjaram patentes ou as compraram.

Início este meu elenco de figuras importantes falando de Dunga da Barra.

No ano de 1905 nasceu no Sítio Gaiolas, do Município de Triunfo, Pernambuco, MANOEL BELARMINO DE SOUSA, Dunga, filho de Belarmino José de Sousa Lima e Jesuína Lopes de Siqueira.

Dunga da Barra, como era conhecido, e de quem tenho a vaidade de dizer que era meu velho camarada, ficava satisfeitíssimo quando a gente se encontrava.

Sousa Neto referindo-se a essa grande figura, escreveu o bonito e justo livro intitulado: UM SERTANEJO DO PAJEÚ, onde informa muito bem quem foi o velho Dunga.

Todos da região sabem dos combates que Dunga teve com Virgulino Ferreira, O LAMPIÃO. Nada melhor para comprovar a sua bravura do que este fato.

Quem se deparasse com LAMPIÃO, tinha que ser Macho. Três vezes Macho. E isto era Dunga. Foi da polícia, prefeito de Flores e Calumbi, Juiz de Paz, além de ser grande poeta, misto de

riso e de pranto. Não sei como uma pessoa faz tudo a um só tempo !

Certa vez visitei-o na sua Fazenda Cajazeiras e ele me contou a última luta que teve, com um sujeito vindo das bandas da Paraíba: "Cabra valente", dizia-me. "Só não tinha muita experiência na briga. Atirava em mim com o peito todo descoberto. Eu ficava de lado, magro como já sou, e ficava mais estreito, atirando só de ponto..."

Deixemos de lado a valentia do Velho Dunga, para falar do seu lado poético. Era um grande versejador, de um pensamento fértil. Para isto, observemos nestas sextilhas o que ele narra de sua vida de homem sofrido:

Em novecentos e cinco
A vinte e seis de agosto
Nasci neste mundo velho
Só para sofrer desgosto
Pois quem sofre o que sofri
Precisa nascer disposto.

Apanhei até no rosto
De minha tia e madrinha
Andei vestido em saco
Pois nem sequer roupa eu tinha
Pelando e pisando milho
Lavando prato em cozinha.

Por mais que andasse na linha
Nunca passei por esperto
Engoli muitas verdades
Pra quem mentiu, ficar certo
Trabalhei de sol-a-sol
Dormi no chão descoberto.

Não morri, mas andei perto
Pode-me crer o leitor
Carreguei trouxas nas costas

Servindo de portador
Duma negra que só tinha
Malcriação e fedor.

Quem geme é quem sente a dor
Eu já vi serviço cru
Já cortei arroz, três meses
Sem chapéu, descalço e nu
De noite levava "um samba"
De minha tia Tinu...

Aqui, o velho poeta mostra sua capacidade, nestas estrofes de sete versos, ou de sete linhas como eram chamadas:

Se existe um coração
Que do dono seja amigo
Quando choro, quando canto
Quando falo, quando brigo
Com razão, ou sem razão
Eu possuo um coração
Que sabe sofrer comigo.

Assim criado sujeito
Como um escravo africano
Eu, às vezes, atingia
O cúmulo do desengano
Trabalhar de sol-a-sol
Pra meu tio fazer paiol
Sem dar-me um metro de pano.

Nas festas de fim de ano
Todo mundo ia decente
Eu ficava ali sozinho
Naquele triste ambiente
Para não ser visitado
Porque vivia rasgado
Fechava a porta da frente.

Depois o Velho Dunga fala de uma grande rixa contra inimigos perigosos e, nestes versos, se pode notar o quanto aquele garanhão de homem era valente:

Com a arte e o engenho
Nosso tempo era macete
Daí por diante o cacete
Passou a ser Santo Lenho
Mas era preciso empenho
Na faca e no bacamarte
Pois nossa questão, em parte
Exigia mão armada
Pra dar-nos uma arrancada
Com mais astúcia e mais arte.

As vezes a compressão
Ultrapassa o necessário
Surtindo efeito contrário
Que chamamos explosão
Quantas vezes a razão
Por se querer recalcar
Não pode mais tolerar
O efeito de uma nota
Um barco que superlota
É sujeito a naufragar.

Quem sabe se Lampião
Tivesse sido educado
Não se teria tornado
Especial cidadão
Mas o Governo de então
Era mesmo um vida torta
Quando vinha em nossa porta
Era pra fazer desterro
Só reconheceu o erro
Quando tarde, "Inês é morta".

O grande poeta desenrola nesta estrofe de dez linhas, uma aula de Sociologia, fazendo justiça a Lampião e usando um velho ditado da literatura portuguesa: "Inês é morta".

Foi atendendo a um convite do engenheiro Zwinglio filho do poeta e valente Dunga, que tive a felicidade de conhecê-lo e de ver muitos de seus trabalhos. Fiquei meditando:... "Como é que um matuto é tão desenrolado assim?!..."

Depois, fomos convivendo, sempre nos encontrando na feira de Serra Talhada, recitando versos de cantadores, até que, quando menos se esperava, partiu o grande Dunga para a imensidão, onde se encontra junto aos grandes poetas que por aqui também passaram deixando tantas saudades no peito de todos que o conheceram.

CAPÍTULO VII

ABELARDO PEREIRA DOS SANTOS (Pereira dos Santos)

Pereira dos Santos. Poeta, boêmio, sonhador, grande sonetista que as entranhas de minha terra tiveram a felicidade de gerar.

Meu companheiro das madrugadas monteirenses. Sempre recitava, apaixonadamente, seus sonetos, poemas, etc.

Tinha um sonho: ver publicado o seu livro "O VALE DAS CRENÇAS MORTAS". Seu sonho foi realizado, embora ele não o tenha visto pois sua obra só veio a ser publicada, após sua transferência para o "Sertão da Eternidade", como disse Zé da Luz.

Abelardo!... Vate que a nossa terra teve o prazer de tê-lo e a tristeza de perdê-lo, embora ainda viva em nossa memória. Cada vez que se reúnem seus velhos amigos, ele é a inspiração, tanto espiritualmente como pela máquina fotográfica da saudade.

Para lembrá-lo, eis o seu soneto imortal:

CAJUEIRO MORIBUNDO

Oh! Velho cajueiro do passado!
Eu te revejo agora, quase morto,
Deceparam teus galhos com machado...
De ti, resta somente o tronco torto.

Morrerás, com certeza, desprezado

Na triste soledade do teu horto,
Qual leproso, tristonho, desgraçado,
Gemendo solitário, sem conforto.

Foste assim torturado perseguido
Ninguém viu tua dor, o teu gemido,
Sofreste, amigo, atroz desilusão...

Mas, a ti só os galhos te cortaram.
A mim, fizeram mais, porque roubaram
A glória, a mocidade, o coração.

As ruas de Monteiro parecem com Abelardo. A gente não acredita que ele partiu. A saudade que sentimos dele é tão grande que parece ele está com a gente no antigo Bar do Alami, na porta do Cinema de Zé Galdino. Ele está sempre em todo canto.

Mas, o certo mesmo é que ele está junto de Firmo Batista, recitando lá no infinito para Zé da Luz, para o velho Cancão de S. José do Egito e deve ser o preferido dos Festivais do Céu, declamando para Santo Agostinho...

CAPÍTULO VIII

JOSÉ NUNES FILHO (Zé de Cazuza)

Dia de Santa Luzia é o dia da crença popular do sertanejo nordestino, para a experiência do inverno.

Há muitos tipos de simpatias: as pedras de sal, por exemplo, com as estações do ano, dão a esperança ao nordestino. A partir daquele dia, correm mais seis apresentando, cada um dia, o mês do ano, formando o primeiro semestre.

Os afortunados nascem nesse dia. Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, é um deles. Nasceu no dia de Santa Luzia.

Mas, aqui, quero referir-me a um outro: José Nunes Filho, "Zé de Cazuza", nasceu a 13 de dezembro de 1929, comprovando justamente a crença do povo: é possuidor de um grande cabedal.

É tão grande a riqueza de Zé de Cazuza, que deu para doar aos outros e sobram muitas coisas que pouca gente tem.

O cantador de viola deve muito, ou tudo, a Zé de Cazuza. Desde que conheci esse poeta extraordinário, que o vi e ouvi divulgando o cantador de viola. Lembro-me muito bem; eu era moço ainda, sem experiência no campo poético e vendo aquele sujeito pelo meio da feira, com aquela voz estridente, eufórico, falando de cantadores e recitando fosse onde fosse.

Além do mais é bom cantador, grande declamador, humorista nas horas em que o ambiente precise de alegria, contador de histórias, grande poeta, na banca um filósofo, sem falar nas de-

mais qualidades de bom amigo: uma casa cheia de coisas puras do homem do Sertão Nordeste.

Zé de Cazuza é tão grande que, sem ter convívio com jogador de futebol, fez esta homenagem em versos ao genial Mané Garrincha, tendo como base o Mote:

DUM GÊNIO, SÓ PERMANECE
SUA FALTA, SUA FAMA

Com cinqüenta anos de idade
Nosso Garrincha morreu
No peito meu e no seu
Não cabe tanta saudade
Quem tiver mentalidade
De sua falta reclama
Se Deus tão cedo lhe chama
É porque dele carece
Dum gênio só permanece
Sua falta, sua fama.

O goleiro Jaguaré
Que morreu assassinado
Podia ser comparado
A Tostão e a Pelé
Agora morreu Mané
Garrincha que o mundo ama
Uisque, cachaça e brahma
Pela trindade fenece
Dum gênio só permanece
Sua falta, sua fama.

Humildemente viveu
Como maior entre os craques
Não sabia nos ataques
Quem ganhou, nem quem perdeu
Forçou tanto o corpo seu
Que o suor correu na grama
Sua carne virou lama

Mas seu nome evola, cresce
Dum gênio só permanece
Sua falta, sua fama.

Tendo a espinha um desvio
E um membro atrofiado
Fazia imobilizado
Qualquer jogador sadio
No Botafogo do Rio
No grande Vasco da Gama
Tem torcedor que se acama
Quando esse fato acontece
Dum gênio só permanece
Sua falta, sua fama.

Foi atleta, foi boêmio
Que ninguém pode domá-lo
Pseudônimo de um cavalo
Que ganhou um grande prêmio
Brilhou tanto em todo grêmio
Como labareda em chama
Depois murchou como a rama
Que com o sol esmorece
Dum gênio só permanece
Sua falta, sua fama.

Tenho a pessoa de João
Por figura fictícia
Pronta para dar notícia
A toda interrogação
Quem lhe marcou de plantão?
Foi o João que tudo trama
Quem se lembrar desse drama
De Garrincha não esquece
Dum gênio só permanece
Sua falta, sua fama.

Como atleta foi aquele
Sem ter a quem comparar-se

Se sua sombra jogasse
Driblaria a sombra dele
Da terra aqui, partiu ele
Deixando taça e troféu
Entre cortinas de véu
Deus lhe envolve em seu lençol
Se no céu tem futebol
Garrincha joga no céu.

Quando eu tive a felicidade de manter contato, pela primeira vez, com Zé de Cazuza, aprendi dele esta estrofe de sete linhas, que acho linda e que tem sabor de vida:

Eu essa noite sonhei
Com a minha mocidade
Namorando uma morena
Bela igualmente à saudade
Naquele amor passageiro
Acordei sentindo o cheiro
Dos dezoito anos de idade.

Agradeço a ele, ao seu convívio comigo, ao entendimento e compreensão que ele me deu dos segredos maiores da poesia popular, e a sentir de perto, o sabor do verso do cantador de viola.

Por causa da minha admiração pelo talento de Zé de Cazuza o tomei por compadre, fazendo-o padrinho de um de meus filhos. Foi muito positiva essa minha atitude, pois começou a existir entre nós uma admiração mútua. Cresceu também o nosso respeito e já é, o que sempre foi a grande reserva que temos eu e minha esposa. Toda a nossa amizade a compadre Zé de Cazuza se estende à sua esposa, comadre Duca Moura, uma "Santa" em vida.

CAPÍTULO IX

LOURIVAL BATISTA

Quando se fala de cantador de viola, casam logo em nossa lembrança Lourival e Pinto do Monteiro. As fronteiras dos dois Estados, Paraíba e Pernambuco, se orgulham desse desafio. A distância de poucos quilômetros, nasceram os dois gigantes da poesia.

Lourival Batista Patriota nasceu na Vila de Umburanas, atualmente cidade de Itapetim. Filho de Raimundo Joaquim Patriota, "Raimundão", e Severina Guedes Patriota.

A data do seu nascimento é sempre lembrada e festejada por gente de toda parte e reúne os maiores valores da poesia e da música popular brasileira. É o dia 6 de janeiro, dia de Reis. É a resposta do efeito da Natureza, fazendo nascer nesse dia o Rei dos Trocadilhos, no ano de 1915. Foi nesse dia, mês e ano, que chegou ao mundo o cantador da maior capacidade de rapidez no seu verso.

É extraordinária a maneira de "Louro" responder ao seu parceiro, no repente. Sua boca como que fica pequena para a passagem de tantas palavras joradas pelo talento do grande vate. A sua voz tem uns dissonantes, podemos dizer, como um clássico da música, ficando a tonalidade quebrando a barreira da nota.

Vale a pena ouvir o grande cantador, no seu malabarismo de trocadilhos. Em qualquer estilo faz gosto ouvi-lo, jogando para fora o que a natureza lhe deu de graça e que tem um valor inestimável.

Certa vez, ele cantava um "mourão" com outro cantador: Ascendino Aureliano. Nesse tipo de desafio, o primeiro cantador começa com dois versos, o parceiro com dois e o primeiro fecha com três.

Ascendino começou assim:

Caro Lourival Batista,
Eu quero ser desculpado.

LB. Para quem não sabe muito,
Me deixou admirado.

AA. Não fiz mais porque não pude
Estou como um velho açude
Que está de bardo arrombado.

Terminado o "mourão", Louro pega no deixo e segue:

Se estás de bardo arrombado
Peça a Deus que lhe ajude
Pegue os ferros, cave a terra
Puxe os bois, faça o açude
Vem a chuva e enche a caixa
Tome um banho, tire esse grude...

Prosseguindo a cantoria, trava-se um desafio entre os dois. Com alguns minutos depois, ocupa o lugar de Ascendino, para um debate com Louro, Francisco Mariano, de Serrita dos Romão, começando uma sextilha assim:

Sou o maior cantador
Do solo Pernambucano.

Louro ironiza:

Repente de Mariano
É como milho cozido

Quando é insosso não presta
Com muito sal é perdido,
Mas a pessoa com fome
Quando dá fé tem comido.

A seguir, seu parceiro torna a pressioná-lo:

Meu verso é feito de ouro,
O seu é feito de cobre

Louro retruca:

Teu verso é milho de pobre
Que tudo lhe desmantela
Se vem o sol, ele murcha
Com muita chuva, amarela
Quando bota alguma espiga
Pode olhar que é banguela.

Aleixo Leite Filho (Leci), grande escritor, professor e respeitável jornalista, já falou melhor do que ninguém sobre o grande, o inimitável poeta Lourival Batista, chamando-o de "Rei dos Trocadilhos". Para que melhor garantia!... Assim, ninguém mais vai ter condição de melhor comparar.

No entanto, como admirador e como amigo do grande "Louro de São José do Egito", arrisco-me a dizer alguma coisa, como bem sei, na minha pouca condição de expressar-me. Conheço-o de perto e ele é merecedor de todo o meu respeito.

Melhor do que falar de Louro é ouvi-lo mesmo falar.

Numa cantoria em que ele elogiava pessoas presentes, ele chama por um sujeito que o estava ouvindo, de nome André Sapateiro. O grande poeta faz essa trança de versos:

Eu me confio em André,
Porque sua paga é grande.

Tire o "r" e o acento
Que talvez o mesmo "ande"
No princípio bote um "m"
Por caridade me "mande"...

Certa vez, em Campina Grande, Louro estava ao lado do grande orador, advogado e poeta Raimundo Asfora. Este, sabendo da capacidade de Louro, deu-lhe este mote: "A PARTE QUE ILUMINOU".

Louro fechou os olhos e começou:

Entre o gosto e o desgosto
O quadro é bem diferente
Ser moço, é ser sol nascente
Ser velho, é ser um sol posto
Pelas rugas do meu rosto
O que fui, hoje não sou
Ontem estive, hoje não estou
Que o sol ao nascer, fulgura
Mas, ao se pôr, deixa escura
A parte que iluminou.

Elísio Félix, de saudosa memória, grande cantor e grande amigo de Louro, cantava com este elogiando José Tota.

O "Rei dos Trocadilhos", começa assim:

Canhotinho está na hora
De convidar José Tota.
Tire o "t" e bote o "n"
Pra nós ganharmos a "nota"
Tire o "n" e bote o "b"
Para ver se Tota "bota".

A cantoria prossegue. Um ouvinte, procurando fugir da malha de Louro que o chamava para pagar a cantoria, fez que ia saindo, um pouco sem jeito, e Louro joga esta sextilha:

Ele ficou indeciso
Não sei se saio, ou se entro
Entrou, mas se arrependeu
O chamei, fugiu do centro
Ah! se Rego achasse um rego
Para Rego cair dentro...

É que o tal ouvinte se chamava Antônio Rego.

Louro estava cantando com Pinto do Monteiro, que termina uma sextilha assim:

A mulher do cantor
Padece de fazer pena!

Louro pega no deixa e diz:

Eu me casei com Helena
Filha de um colega teu
E uma oitava de filhos
Lá em casa apareceu
São dez, nove fora, um
Quem anda fora sou eu.

Certa vez, cantando com o mesmo Pinto do Monteiro, na cidade de Teixeira, na Paraíba, apareceu no salão um bêbado que tinha o apelido de Pedro Compasso. Louro o fitou e o comeu no trocadilho:

Oh! Pinto, preste atenção
Que o mundo está transformado
Olhe aí Pedro Compasso
Como vem com o passo errado
Os outros compassos riscam
Mas este chegou riscado.

Isto é uma pequena amostra do grande Louro. Tão conhecido que dispensa apresentações. Focalizado continuamente por canais e redes de televisão. Seus versos são abundantes como o solo da própria terra onde nasceu.

Além de tudo isto é um coração cheio de humanidade, juntamente com sua grande companheira, D. Helena Marinho. As divinas mãos em conjunto, se abrem para fazer o bem a quem quer que seja.

Muito moço ainda, comecei a freqüentar a casa de Louro e a beber na fonte toda a poesia e tudo de bom que dali emanava. Aquele coral de anjos, seus filhos, eu os conheci anjos mesmo. Alguns eu colocava em meus braços e fico feliz em vê-los, hoje, adultos. Como me lembro!... Maria Helena, a mais velha. Raimundo Antônio, o segundo filho, a quem costumamos chamar, desde pequeno, de "Branquinho". Entrou na Faculdade de Direito do Recife, tornando-se Bacharel em Direito, para adoçar a boca da família e de seus amigos. Hoje é Promotor Público.

O terceiro, Ilário, grande poeta, funcionário do Banco do Brasil juntamente com Maria Helena. O quarto é Lourival Filho, a quem chamamos, carinhosamente, de Val. Também poeta, grande intérprete da músicapopular, cuja voz encanta onde canta.

O quinto e o sexto são as gêmeas: Isabel Maria, em homenagem à avó, e Severina Maria. Na minha intimidade e devido a estima que tenho por elas, eu as chamo de "Zanga" e "Zá". Cecílio Marcos (Bata) é o sétimo filho; e Maria Beatriz, em homenagem à tia, é o oitavo. Esta merece um destaque especial, pois, quando pequena, me chamava "Bacuí".

Recordo tudo muito bem, sobretudo naquela época em que eu bebia muito e encontrava, na casa daquele cantador extraordinário e cheio de boa vontade, o apoio de que eu tanto precisava. Como esquecer, naquelas extravagâncias que eu fazia, ao me ocultar num quarto, que era o meu lugar de repouso, chegavam pessoas perguntando por mim e as gêmeas diziam: "Marcolino não está aqui, não"... somente para esconder aquele estado em que eu me encontrava?!...

Quantas vezes, diante das minhas indecisões, acarretadas naturalmente pelo vício que eu tinha de beber demais, eles me proporcionavam momentos de tanta alegria, ao dizerem: "Não faz extravagâncias Marcolino, senão tu morres e a gente chora com pena de ti"!...

Louro, quando me via chegar em São José do Egito vinha direto ao meu encontro. Emocionado, punha um bolinho de notas em meu bolso, dizendo: "Isto é pra você gastar por aí; pra não estar liso"... E acrescentava: "Não beba sem comer. Sem alimentação não se pode ter resistência"...

Nunca vi faltar nada na casa daquele casal. Os enfermos e os necessitados eram sempre visitados e ajudados por D. Helena, esposa do Rei dos Trocadilhos. Quantas vezes vi saírem pratos de comida, a fim de alimentarem os presos da cadeia local!

Parece até que as coisas caíam do céu para aquela casa, pois não faltava nada para ninguém. Parecia milagre. Tudo era feito sem aperreio. D. Helena, com aquela voz doce e suave, sempre cantando benditos, como que para espantar a dor de tantos necessitados e ela querendo dar jeito a tudo.

Hoje, podemos dizer, com juro e correção monetária, já há o retorno de tudo aquilo que foi feito por aquele santo casal, lembrando-nos aquela frase bíblica e cristã: "Quem dá aos pobres, empresta a Deus"...

CAPÍTULO X

JOSÉ NUNES DE SOUZA (Cazuza Nunes)

Em 1892, na vila de Água Branca, hoje cidade, na Paraíba, nasceu o grande sertanejo, amigo e genial poeta, Cazuza Nunes.

Eu, adolescente ainda, viajava do Sítio Várzea, no município de Sumé, para a Prata, no Estado da Paraíba, todas às quartas-feiras, dia da feira local e me avistava, indispensavelmente, com aquele homem de cabeça grande, voz forte, presença ativa e jeito agradável, a quem todo mundo se prendia e dava atenção. Era o grande Cazuza.

Cresci acompanhando a palestra e os costumes daquele homem sincero, grande sertanejo que mais tarde se tornou tão meu amigo.

No Sítio São Francisco, propriedade dele no município de Prata, era onde se ia beber, com toda franqueza, a tradicional garapa de cana caiana, feita no engenho de Cazuza, onde ele recebia qualquer pessoa que chegasse, sem a menor cara feia.

Era acostumado com todo mundo. Gostava da pessoa do jeito que ela fosse. Não procurava modificar hábito de ninguém.

Naquela casa, cheia da boa vontade do velho Cazuza, havia sempre uma mesa grande rodeada por muitas pessoas, demonstrando a característica da família Nunes: "barrigas cheias".

Parece-me estar vendo: resmungando, gesticulando quando saía a caminhar sozinho, impulsionado pela força da idéia. Tal-

vez fosse o fulminar da tempestade de boa vontade que tanto existia no peito daquele velho poeta.

Se conversava com a gente, mostrava a realidade e, dada à sua experiência, sabia entender as coisas de nossa idade, pois já havia feito grande caminhada na vida. Prova disso podemos observar nessas estrofes que o grande talento de Cazuzza escreveu:

Perdi os meus ideais
Minha existência está finda
Apenas recordo ainda
Tempos que não voltam mais
Me restam só os sinais
Das chagas dos desenganos
Machucado pelos danos
Chocado, sentindo medo
Olhando para o rochedo
Da serra dos anos.

Futuro jamais espero
A decadência me diz
Já fiz tudo quanto quis
Hoje não faço o que quero
Com isto não me altero
E nem tampouco detesto
Vou fazer meu manifesto
Me acho de tal maneira
Igualmente a fim de feira
Onde só se acha resto.

Na central de minha vida
Só vejo curva e ladeira
Abateu-se uma bueira
Está quase interrompida
Da rampa para subida
Vejo o barro deslizando
Os catabios aumentando
Os cortes já arriaram

Os aterros desabaram
Não tem ninguém consertando.

Mágoas que venho sentindo
Não tenho a quem prestar queixa
Quando uma chega se fecha
A outra já vem se abrindo
Vejo o tempo destruindo
As brisas do meu passado
Me deixando pincelado
No quadro da desventura
E no palco da amargura
Me vejo fotografado.

Das diversões do passado
Me restam recordações
Eu medito as ilusões
Vejo tudo terminado
Que ideal fracassado
Uma lembrança falida
Uma esperança perdida
Tudo que resta em mim
As amarguras do fim
Me apontando o fim da vida.

Cazuzza Nunes... Pessoa marcante que jamais sairá da lembrança de quem o conheceu. Quando queria dizer uma verdade, dizia... doesse em quem doesse. Fiel amigo e grande companheiro. Chapéu embicado sobre os olhos, conversa bonita e sincera, voz harmoniosa. Suas palavras, em qualquer palestra, se misturavam com o perfume da idéia daquele grande vate.

Ao entrar-se em contato com ele percebia-se logo, nas primeiras aproximações, a verve do grande poeta.

Já na velhice olhando para sua esposa, D. Piônia, fez essa estrofe que deu por título: EU E A VELHA.

Estamos no fim da vida
Eu doente, ela doente
Ela triste, eu descontente
Por vê-la tão abatida
Eu vencido, ela vencida
Eu sem força, ela cansada
Chegando ao fim da jornada
Somos hoje dois vencidos
Do mundo desiludidos
Para terminar em nada.

Sou um homem feliz, posso dizer, por ter aprendido muito com aquele velho amigo. Muitas vezes ele, atacado pelo sistema nervoso que já lhe marcava a velhice, dizia: "Só imagino morrer e não ver mais Zé Marcolino"!

Era muita felicidade e conforto ouvir-se isto da boca de um talento como Cazuzza Nunes, que não devia nada a poeta nenhum, por grande que fosse.

Um grupo de amigos dele, inclusive eu, teve a felicidade de assistir a um recital seu, no clube de Prata, já bem próximo dos dias de sua passagem para a outra vida. Parecia mesmo a despedida do grande mestre Cazuzza. Era a voz da eternidade que o chamaria, dali há pouco, para perto dos grandes vates que já o esperavam com ansiedade.

Assim aconteceu. No dia 12 de maio de 1984 voou para o infinito nosso grande Cazuzza, indo juntar-se à sua esposa que lá já estava. No céu, uma festa. Na terra, a saudade de todos os que o conheceram.

CAPÍTULO XI

ANTÔNIO MARINHO DO NASCIMENTO

No dia 5 de abril de 1887 nascia "o Malassombro" dos cantadores de viola, Antônio Marinho, e a Natureza pasmou diante de tão grande acontecimento.

O Sítio Angico Torto, entre o lugarejo de Mundo Novo, no Município de São José do Egito, em Pernambuco, e o lado do nascente, do Município de Ouro Velho, na Paraíba, foi o local privilegiado onde nasceu o genial Marinho.

Descendia dos Babecos das Umburanas, hoje Itapetim, e da família Bernardo, de Ouro Velho. A mesma que continua por lá, representada nas inteligentes figuras de Iliada Marinho e Maria Madalena.

Limito-me aqui em falar das origens e das qualidades de Marinho, pois, seu talento e suas jocosidades já ultrapassaram as nossas fronteiras. Eu que o diga, com conhecimento de causa.

Certa vez eu estava no Rio de Janeiro, onde passei alguns meses, e me meti a falar do folclore, a respeito de Antônio Marinho em nossa região. Qual não foi a minha surpresa, ao descobrir que eles o conheciam melhor do que eu.

De fato, todo o Nordeste, para não dizer o Brasil, sabe um pouco de Marinho. O seu talento rasgou mundos.

Quero citar agora alguma coisa de sua idéia inesgotável, daquela cachoeira de coisas divinas.

Antônio Marinho tinha grande visão e era um grande revolucionário. Sua tempestade de idéias o fazia enxergar um futuro de cinquenta anos adiante de sua abrangente vidência.

Nesses versos vê-se sua grande e real filosofia:

O país é uma roseira
A pobreza é a raiz
No trabalho é a primeira
Na sorte a mais infeliz
A haste é a escadaria
Por onde a aristocracia
Sobe os degraus da vontade
Deputados senadores
Desta roseira são flores
Sem responsabilidade.

Por esses versos podemos calcular a dimensão do mundo interior daquele genial pajeuzeiro que, àquela época, já sentia na pele os jogos maldosos de uma política irresponsável, que o poeta tão bem enxergava com os olhos d'alma

Antônio Marinho, por entender todos os lados da vida, pela vivência e capacidade de gênio que era, também era humorista sem intenção de ser, era romântico e grande realista. Senão, vejamos:

Certo que não satisfação
Debalde tenho lutado
Se falo sou falador
Faço mal se ando calado
Não castigo faço parte
Se castigo sou malvado.

Falemos agora um pouco do seu humorismo, pois é impossível falar de tudo a seu respeito. Aliás, já me referi a essa faceta de sua personalidade no primeiro capítulo deste livro.

Certa vez, em uma de suas peregrinações de autêntico violeiro, encontrou-se com uma volante policial que vinha à pro-

cura de cangaceiros. Um oficial daquela viatura pergunta a Marinho:

— Pra onde vão vocês dois?

Marinho ia montado em um jumento, que era o transporte e o companheiro para qualquer jornada. Sentindo a ironia daquele capitão, respondeu:

— Eu vou fazer uma cantoria ali na Ribeira e este jumento vai sentar praça na polícia.

— Sentar praça na polícia?

— Sim, senhor... Se ele não der muito coice, chegará até a ser capitão.

Esse diálogo espantou, sem dúvida, o oficial, que ficou admirado diante de matuto tão desenrolado. No entanto, sua presença de espírito e inteligência atraíram o oficial à cantoria, ouvindo-o durante toda a noite e tornando-se também um fã do grande Marinho.

Naquela época de cangaço só se falava em Antônio Silvino e Lampião. Dois sujeitos discutiam:

— Para mim, o mais duro no Sertão é Antônio Silvino.

— Que nada! É Lampião...

Nessa teima sem fim, pois a polêmica não chegava a nenhuma solução, aparece Antônio Marinho. Um deles, dirigindo-se ao poeta, diz:

— Antônio Marinho! Qual é o mais duro do Sertão? Antônio Silvino ou Lampião?

— A chuva, respondeu o poeta; e acrescentou: "não tem duro que não corra".

De fato, a resposta repentina de Marinho tem dois sentidos. Segundo a sabedoria do matuto, quando chove no Sertão "os duros" desaparecem e ninguém fica na chuva...

Era assim aquele homem fantástico. Não tive a felicidade de o conhecer pessoalmente, mas sei algumas de suas histórias por boca de bons informantes. Todos são unânimes em reconhecer que sua presença prendia qualquer público e, quando cantava, parecia ter um sabiá na garganta.

CAPÍTULO XII

QUITÉRIA JOANA

Quitéria Joana!... Morena, franzina, andar apressado... Mal tocava os pés no chão. Parecia flutuar.

Seu esposo Zé Carlota era tratado, carinhosamente, por ela, apenas como Zé. Nunca se viu nome tão pequeno encher tanto uma boca, de prazer e segurança.

Uma de suas grandes características era o sorriso largo, enfeitado por lindos dentes alvos. Dançava muito bem. Era o destaque do ambiente quando, com o marido, exibiam a arte genuína de dançar. Beijava a gente sem a menor maldade, mesmo na presença do esposo. Como confiava ela naquele escurinho!... Também, tinha uma certeza: jamais ele iria enciumar-se. Nós, que recebíamos os beijos, é que ficávamos acanhados, embora Zé Carlota, para nos aliviar, dissesse: "Tem nada não, meninos! Quitéria é assim mesmo"... e tirava todo o nosso receio. Quitéria Joana!... Cabocla lazarina, olhos grandes. Sua maior especialidade era ser lavadeira de roupa. Era lavadeira da melhor qualidade; muito limpa e muito responsável. Amava a profissão. Sempre a encontrávamos com uma enorme trouxa de pano na cabeça, como prova de sua pontualidade, servindo aos que se diziam "brancos" da minha terra.

Quitéria!... Mensageira da limpeza! Parece estar vendo.

Quando ela nos encontrava, de longe gritava: "Me dá um cheiro, meu 'fio'..." Então se ouvia a voz forte do marido e uma

risada, como prova de confiança na sua fiel companheira. Era uma cabocla feliz!

No arquivo da minha lembrança Quitéria está. Pode ela ter passado, para outros. Para mim, não.

Remexe dentro de mim o forró da rua do Serrote, na Prata. A presença dela e do esposo era indispensável. A gafeira deles marcava a noite, bem como as carraspanas dos dois.

Ela, ligeira nos passos da dança, parecia uma piaba na correnteza. O movimento deles era tal, que fazia o suor descer. Misturava-se o dela com o dele, tornando-se fértil o terreno da alma para o fruto do amor. Ao som do fole de Mestre Zé Durão, ferreiro e tocador, o casal dançarino cortava o chão pelo pé, e dava entusiasmo e alegria àquela noite Pratense e Sertaneja. Zé Durão tanto puxava a sanfona de 8 baixos como mordida a língua, fazendo caretas, emocionado com os efeitos produzidos pelas notas de sua harmônica marca "Veado" até o amanhecer.

Ali, no pé da parede, onde estava o famoso tocador, ficava um buraco, de tanto Zé Durão bater o pé pra ver se acertava o ritmo, embora fizesse inúmeras diabruras no teclado do seu famoso fole.

Ah! Que tempo!... Tempo que levou Quitéria, mas que vive comigo a doer no meu peito. Em meus ouvidos ainda ressoa sua voz. Pelos olhos da minh'alma, vejo aquelas roupas estendidas, passadas pelas mãos morenas de Quitéria Joana.

Não posso ouvir tocar um fole de oito baixos sem recordar o remexido de Quitéria, com aquele calor de sempre. Seu jeito, sua maneira de ser fazia mais feliz todo o amanhecer de minha terra.

Quitéria Joana!... Em qualquer parte do cosmo, onde estiver, estará sorrindo. Ela está, sem dúvida, no firmamento, lavando as vestes das estrelas. Apesar de ter partido aos cinquenta e tantos anos, sentia-se nela a felicidade de uma pessoa de 15.

Pelo amor que ela dedicava à Prata, sua terra e minha, a certeza nós temos: ela está lá de cima, olhando para nossa terrinha e pedindo a Deus a felicidade para todos nós.

CAPÍTULO XIII

UM LOUCO NA HORA DA LUCIDEZ

É um louco, sim; mas eu sempre o achei um "gênio", ou uma inteligência a mais da capacidade física.

Falo de Severino Cassiano, de São José dos Cordeiros, na Paraíba, que, desde mocinho reside em São José do Egito - Pernambuco. São José como que contamina todas as pessoas que ali chegam, de coisas notáveis. É o que se dá com o famoso "Biu".

É uma figura triste. Olha pra gente com um olhar piedoso e vive sempre calado, a não ser que lhe façam perguntas, às quais ele responde cheio de perspicácia.

Certa ocasião Biu estava com um relógio velho no braço e uma pessoa, mesmo pra ouvir sua resposta, perguntou: "Que horas tem aí no teu relógio, Biu?"

— Este relógio não trabalha; é quebrado.

— Assim não adianta, Biu.

— E nem atraza!

De outra vez ele pegou uma varinha, botou uma linha na ponta e, como se estivesse pescando, começou a jogar n'água embora não houvesse anzol na ponta da linha. Alguém perguntou-lhe:

— O que estás fazendo, Biu?

— "Tou pescando..."

— Mas, sem anzol?!...

— Também não tem peixe..., encerrou ele a conversa.

Biu nunca repete as coisas que diz. Essa mesma história que acabo de contar, em outra ocasião aconteceu assim:

Biu estava jogando o anzol numa bacia d'água e lhe perguntaram: "O que estás fazendo aí?"

— "Tou pescando.

— Pescando o quê?

— Inhãinha.

— E o que é Inhãinha, Biu?

— Eu não sei, que eu não peguei ainda...

Biu já é uma figura de destaque em São José do Egito e muito querido e admirado por suas interessantes respostas.

Certa vez ele pulou de uma ponte e foi infeliz: fraturou um pé. Quem se encontrava com ele ia logo perguntando:

— Pulaste de cima da ponte, Biu?!

— Só foi ruim a chegada, pois a saída foi boa... Acudia ele, imediatamente.

Há dias em que Biu Cassiano passa bem melhor de seu estado de loucura, chegando mesmo a ir trabalhar no sítio, refugiado em sua roça, por vários dias. Numa dessas vezes botou fogo numa cerca nas imediações de uma seca pastagem e incendiou o mundo.

Umaz duzentas pessoas se reuniram para apagar o fogo e alguém lhe perguntou:

— Quem fez isto, Biu?

— Fui eu.

— Pra que, Biu?

— Pra ver os conhecidos.

De fato, num instante fez uma reunião forçada.

Depois de um carnaval, em São José do Egito, como é de costume, surgem os comentários próprios de cidade do interior:

— Neste carnaval foram defloradas vinte moças, aqui em São José...

— Mas ainda tinha isso tudo?!... Arrematou Biu, ironicamente.

— De vez em quando ele gosta de tomar uma lapadazinha de aguardente. Havia um pessoal bebendo; ele se aproxima e diz:

— Me dêem uma bicadinha!...

— Não, Biu! Pode você cair, retrucou um cidadão.

Ele, imediatamente, deitou-se no chão e acrescentou:

— Pode trazer, agora 'tá' sem cuidado.

De outra feita ele estava numa farmácia e uma pessoa chegou espantada e perguntando:

— O que é bom pra coceira?

— Deixar as uhas crescer, responde nosso repentista.

Como eu já disse, Biu quando recuperado de seu estado de alienação, chega até a plantar sua rocinha. Depois volta à sua loucura e não chega nem a colher.

Num belo dia o inverno havia pegado e os campos do velho Pajeú se revestiam de verdejante roupagem. Biu dirige-se a um armazém para comprar semente para a sua plantação. Pergunta:

— Tem caroço de algodão?

— A terra é nova, Biu?... Perguntaram-lhe.

— Não; é da idade dessa aqui mesmo!

Ora, "terra nova" no sentido perguntado, significa "terra queimada"... Mas ele só entendia e respondia é claro, dentro da sua velha filosofia.

CAPÍTULO XIV

UM TROCADOR DE CAVALO

Existem figuras marcantes que não podem passar da nossa memória. Às vezes, é a época que passou que nos faz lembrar a pessoa.

Mas, o que jamais passará é a jacosidade daquele que tanto conviveu conosco e que se tem como figura de destaque do torrão da gente.

Miguel Leopoldo: um sujeito de pequena estatura, mas de um vozerão que impressionava onde chegasse.

Não frequentou escola, mas suas palavras hipnotizavam e tinham um poder fora do comum.

Chapéu de abas grandes, lenço no pescoço, botas bonitas; trajava bem; era um tipo "cow boy".

Mão macia no balanço das rédeas. Se botasse a sela num boi, ele marcharia. Andava baixo, pela rédea e pela arte do mestre domador de animais.

Seus arreios refletiam seu brilho nas paredes do lugar por onde ele passasse. Eram lindos!

Na Prata, onde me criei, chegou um sujeito formidável e logo se tornou rico negociante, comprando algodão, mamona e tudo o que fosse de venda naquela redondeza. Chegou a ser chefe-político dada à sua fama e a maneira de servir a todos. Assinava o nome como um carimbo, mas tinha uma máquina na

cabeça. Quando pesavam dele, qualquer medida ou quantidade de mercadoria, ao terminar, ele sabia o total do peso e a quantia do dinheiro. Só dava crédito, de melhor gosto, a quem tivesse perdido, totalmente, a confiança do comércio.

Claro que ele dava confiança a qualquer pessoa; mas os desacreditados tinham uma atenção especial de sua parte. Diziam até que era para falarem nele ou por ser muito vaidoso. Talvez fosse mesmo, pela alegria de viver.

Chamava-se José Borba Filho. Figura impressionante! Seu nome era pronunciado, por ele mesmo, com todo ímpeto. Dizia: "Quando Zé Bóiba morrer, acabou-se a semente"!... E era mesmo. Coração bom!... Gostava de coisas boas, custasse o que custasse.

Miguel Leopoldo, de quem falávamos há pouco, morando na Prata naquela época do ano de 1952, sabendo que Zé Borba havia comprado uma Fazenda e que gostava de coisas boas, arranhou um burro grande e gordo, botou nele seus arreios, tornando-o mais bonito e "lord". Ao passar por mim foi dizendo: "Zé, se eu descolar hoje, a gente toma uma grande"... Entendi logo que ele estava no ponto para vender o burro a Zé Borba.

Daí, começou a passar em frente à casa dele, riscando aqui e ali, fazendo mil piruetas. Os fricotes dos arreios brilhavam e faziam réstias nas paredes do arruadozinho. Os cascos do burro tiravam fogo das pedras no chão.

Zé Borba a essa hora botou uma cadeira de balanço na porta de sua casa e começou a se balançar.

O espetáculo o foi sensibilizando de tal maneira que o homem, chefe do PSD daquela época e grande comprador do que aparecesse, não resistiu às emoções e gritou pra Miguel, na sua maneira de falar: "Ô burro bunito cundenado!... Onde apanhasse esse, Migué?!"

Miguel bateu pernas ao burro, partiu pra Zé Borba, riscou em cima e disse: "Isso foi uma prumessa que eu fiz, devido a um cavalo ruim que apanhei um dia desses. Pedi a Deus para apanhar um animal que andasse em todo caminho como se fosse pra casa. Mas esse veio fora da medida".

Quanta coisa ele disse em poucas palavras! O animal que vai pra qualquer lugar como quem vai pra casa, é bom demais...

Zé Borba, se queimando de vontade de apanhar o animal, diz: "Esse burro puxa viagem, Migué?"

Miguel, com aquele vozerão impressionante, responde: "Minha feira é Jatobá do Brejo, Zé Borba! Vinte e duas léguas"...

Pra que mais conversa, depois de uma afirmação dessas?!

Zé Borba torna a perguntar: "Mas... Jatobá do Brejo?"

Miguel responde: "Zé Borba! Esse burro, quando vai passando pela Fazenda Jerimun, de São Cidão, ele pensa que vai pra perto. Mas, quando ele chega nas Caraibeiras, de São Ivo, pisa faceiro e baixa a cabeça. Tem hora que eu o sinto querer perguntar-me: "Ôh! Migué! O que é que tu "qué" que eu faça mais?"

Zé Borba, já muito entusiasmado, pergunta: "A passada desse burro é macia, Migué?"

Miguel, com aquele linguajar que lhe é próprio, responde: "Zé Borba!... Pode sair do 'hispiritá' com qualquer operação, que sara em cima desse burro"...

Zé Borba, já muito interessado, repete: "E os defeitos do burro, Migué?"

— Se tiver um cabelo maior do que outro, por defeito, o dou dado, respondeu Miguel e foi logo se retirando.

Zé Borba pegou nas rédeas e disse: "Esse burro é pra vender, Migué?"

Miguel, fazendo-se de desinteressado, disse: "Esse burro não é pra vender; é da minha sela. Quando eu precisar vendê-lo, eu o vendo a ti, ao Major Napoleão ou a São Bone; com uma vantagem: se eu precisar, "tá bem pertinho"... Querendo dizer que estava mais fácil de apanhá-lo novamente.

Com isto Miguel comparou Zé Borba com os maiores ricos daquela região; o que, para ele, era a coisa melhor da vida.

Zé, pela força do desejo de apanhar o animal, insiste: "Diga o preço do burro"...

Miguel sentindo que o negócio ia dar resultado, responde: "Eu sei que tu gostas do que presta. E pra tu apanhar um objeto, a fim de que um amigo teu chegue à tua porta, cruze os braços e pergunte: 'onde ele terá apanhado esse'? eu te vendo por quinze contos".

Ora, naquele tempo, o melhor animal do mundo custava quatro contos de réis.

Zé Borba fechou os olhos, suspirou, pigarreou e disse: "Dou Seis".

Eu torci a cara pra não ver. Mas ouvi Miguel rebatendo: "Zé Borba! Eu sou fíio de um home que nunca ficou calado quando outro falava. Muito me orgulho de ter puxado a ele nesse ponto de vista. Por isso, quero te dizer que dou o burro por doze contos". Deixando, naturalmente, a vaga pra ele botar dez.

Zé Borba temperou a güela, franziu o couro da testa, e disse: "Dou dez".

Miguel ficou vermelho, rangiu os dentes e, correndo dos olhos duas lágrimas grossas, saltou do burro no chão e disse: "Tu me deixaste a pé, Zé Borba! Mas vai pagar uma dúzia de cerveja".

— Pago sim, respondeu Zé Borba, enquanto lhe passava as dez notas de conto, e acrescentando sua velha característica: "Mas, só faz isso, Zé Bóiba. Quando Zé Bóiba morrer, acabou-se a semente".

Era mesmo. Homem de ação e ganhador de dinheiro, para ser feliz com ele.

Miguel botou o dinheiro no buraco da calça e começamos a beber. De quando em vez ele tocava na minha perna e dizia: "Será que eu sei niguciá?" Pra que dizer que não!...

Miguel Leopoldo!... Que sujeito fantástico! Inteligente! Meu amgio. Uma reserva para minhas carraspanas. Para mim era grande alegria encontrá-lo.

E para concluir a história do burro, quando este passou para

o poder de Zé Borba, não servia nem para carregar jerimum. Mas por bom, ficou. Quem era doido pra dizer que objeto de Zé Borba era ruim?! Quem quisesse arranjar qualquer coisa com ele, dissesse que tudo dele era bonito e bom. Era um homem feliz!

A fama de Miguel e sua vivacidade foram se espalhando, até que as terras de Goiás o arrebataram para lá, onde se encontra muito bem. Em nós restam as saudades daqueles momentos de humor e do poder de dominar todo ambiente onde frequentasse aquele sujeito formidável.

CAPÍTULO XV

UM SUJEITO CABREIRO

Honório Magro. Filho do Monteiro - PB. Uma pessoa interessante. Um filósofo, podemos dizer. Alto, cabeça fina. Costuma vestir uma roupa de mescla, ou um linho mole. Difícil é saber quantas roupas ele tem. Compra diversas, tudo de um pano só. Chapéu de abas grandes e um cigarro "pacáia" no canto da boca, soltando sempre suas cusparadas.

Possui muitas casas em Monteiro... Propriedades... embora todas sem documento, para dar trabalho a quem dele herdar um dia.

Diz ele: "Todo cuidado, em negócio com Honório"!

Mas, é uma figura apreciada pelos grandes de Monteiro, de um modo especial, pelos inteligentes.

São Oscar Neves, um dos fazendeiros de Monteiro, procurou Honório para comprar uma vaca que se dizia boa, por propaganda do próprio Honório, e que estava à venda para quem necessidade de uma vaca leiteira.

Os dois trataram do negócio e São Oscar comprou a famosa vaca. Mas ela só era famosa enquanto pertencia a Honório. Passando para o poder do comprador, não dava uma xícara de leite.

São Oscar veio devolvê-la, imediatamente. Honório, bem espantado, diz: "Ah! Isto não!...

— Por que não, se você me vendeu garantindo ser boa?!

— Mas esta vaca tem o pescoço muito curto, São Oscar!

— E o que tem a ver pescoço com vaca de leite?

— Tem sim... A vaca em Monteiro e o farelo em Campina Grande, ela não pode alcançar, concluiu Honório.

Um outro sujeito lhe comprou uma vaca, dizendo ele que era uma vaca de "vergonha"... Com aquela sua capacidade de convencer, Honório a entrega ao comprador, que a levou confiante de haver adquirido uma vaca que atendesse às suas necessidades.

Ao chegar em casa, a vaca não deixava ninguém chegar-lhe perto para desleité-la. E quando alguém lhe pegava no úbere, ela jogava-lhe os pés. Foi uma grande contrariedade para o comprador, que veio devolvê-la a ponto de brigar.

— Vim devolver a sua vaca!

— Por que?

— Porque ela não presta.

— Como não presta?

— É muito braba. Não deixa ninguém pegar-lhe nos peitos para tirar o leite.

— Mas, eu lhe disse que estava vendendo uma vaca de "vergonha"...

— Como assim?

— Esta vaca tem mais vergonha do que certas moças de hoje. Ninguém pega nos peitos dela, fácil não!...

E assim, ficou por isso mesmo; e Honório na dele.

Certo sujeito, que só vivia de troca e venda, ofereceu-lhe um jipe velho. Honório nem discute: "Quando eu quizer comprar um negócio para consertar no mesmo dia, eu compro um fato"-

Ele tem sempre uma saída e quem quiser que se segure.

Dr. Fernando Paraguai, médico já falecido, tinha um sítio

para vender. O comprador chegou perguntando quem conhecia o sítio, para lhe informar.

Quem estava presente se excusou de fazê-lo, por tratar-se de um sítio muito fraco, mas incumbiram Honório para dar a informação, prevendo logo a sua jocosidade e maneira de falar.

Honorário, maldosamente, diz: "No dilúvio universal, lá, inda perderam na boneca". E resumiu, em pouca conversa, o que desejava o comprador.

Honório! Figura marcante de Monteiro. Ao amanhecer está dando suas baforadas em um cigarro de palha. Ao abrir a porta de sua casa-fazenda, próxima à Princesa do Cariri, dá de cara com a serra de Jabitacá, onde se rebentam as nascentes do velho Paraíba.

CAPÍTULO X V I

AS CANTIGAS DO CEGO

Ninguém sabe avaliar o tamanho da saudade daquilo que fica distante da gente, mesmo que tenham sido coisas que, naquele momento, pensássemos não ter nenhum valor.

É o que me acontece agora. Hoje, martelam dentro de minha lembrança as feiras de minha infância, com as cantigas dos cegos que me enchiam a cabeça de tantas frases bonitas, penosas e engraçadas. Recordo, ainda, tantas melodias tristes e também acalentadoras, que ninguém sabe de que mundo vinham.

Conheci um velhinho, mendigo, que conduzia em seu matulão um reco-reco, em cujo lado ele pregou umas rodelaç de couro, como se fossem os baixos de uma harmônica. Aquilo era seu mundo.

Embalado na sua fantasia, na sua ilusão, prendia o povo, que o rodeava, com esses versos cantados numa música um pouco quadrada e com poucas notas:

Mamãe, pegue a porca
Que eu pego o bacurim
Bote a porca no chiqueiro
E vamos comer toicim.

Era assim que se encontrava em todas as feiras daquela redondeza: Prata, Monteiro, Boi Velho, Sumé, etc.

No dia da feira na Prata, toda quarta-feira, o ponto de encontro de toda sorte de mendigos era o beco de Mariano, em que eles ficavam em fileira, cantando acompanhados por viola, rabeca, realejo e todo tipo de instrumento.

Aquela melodia desencontrada, emitida por aquele conjunto de cegos, me chamava a atenção, fazendo-me ficar a vida inteira escutando.

Eu e meus amigos daquela época botávamos nomes naqueles que ainda não conhecíamos e chamávamos pelos nomes próprios daqueles que o sabíamos.

Cego Manoel João era bom tocador de viola. A Velha do Papagaio, o Cego Bruto, a Velha Águeda, o Cego Silvino... Ah! Este é o da minha maior lembrança. Casado com Antônia, conhecida por Antônia de Silvino. Era um homem de um metro e noventa e cinco de altura. Neto do grande poeta e revolucionário Bernardo Nogueira.

Aquele homenzarrão ficava com sua viola na perna, ao pé de uma baraúna grande, em frente à sua casa, no Sítio Albertas, do Município de Sumé, que antes fora do seu avô, o poeta Bernardo.

Como recordo! O Cego Silvino e sua mulher ficavam ali no dia da feira, tanto na parte da manhã como na parte da tarde, esperando os feirantes que chegassem ou que retornassem da feira.

Dizem que Toinha, sua mulher, foi tomada de um outro cego, no Brejo da Madre de Deus; e o fato aconteceu assim: quando ele ia fazer as feiras da região, ao passar por Sumé, pedia ao pai do escurinho Fausto que o cedesse como seu guia, para ir auxiliando nas caminhadas de suas ferrenhas cantorias.

Numa das vezes, o Cego Silvino saiu com o guia em direção ao Brejo, onde já o esperava seu grande amor. Tudo já estava combinado, mas Fausto Preto não sabia. Silvino passou o segredo para seu guia, dizendo: "Olhe! Quando eu chegar à casa da cantoria, você finge não saber de nada. Lá pras tantas, quando estiver tudo pronto para sairmos eu começo a fazer umas trovas, dizendo que um passarinho do Sertão veio à procura de um

passarinho do Brejo. Este será o sinal da mulher conhecer e nos esperar no lugar desejado".

Assim foi feito. Quando o Cego Silvino começou a desenrolar as sextilhas já combinadas, o outro cego desconfiou. E travou-se grande luta entre os dois.

Fausto, seu guia, criança e sem saber o que fizesse naquele momento trágico, cacete vai, cacete vem, gritou: "De faca, não!"

Saltou um para cada canto e foi o jeito especial de acabar a grande luta dos dois.

A essas alturas a mulher já estava esperando no lugar combinado. Encontraram-se ali, seguindo de volta em direção a Sumé, sendo saciado o desejo dos dois até terminarem seus dias juntos no Sítio Albertas.

Como esquecer esse casal de Cegos — Silvino e Antônia — tão conhecidos por todos?!...

CAPÍTULO XVII

COISAS CURIOSAS

Normalmente encontramos no interior, aquele homem de mãos grossas, calejadas, autêntico, que não se influencia com nada e não há quem o faça mudar. Mas, às vezes, entre eles há alguns inovadores usando palavras extravagantes, embora de boas intenções, capazes de serem entendidos por pessoas vividas e até pelas autoridades.

No interior pernambucano, em uma Comarca lá nos confins do Estado, um camarada que se dizia amigo do Juiz daquela Vara, tinha a alcunha de "Zuca". Um dia este bateu com sua Rural, no carro de um senhor muito conhecido naquela região: Antônio Alexandre.

O tal Zuca, confiado na sua amizade com o Dr. Juiz, levou o caso à Perícia e até mesmo a Justiça, na certeza de bom resultado, explorando a amizade do seu amigo.

De fato, a sentença lhe foi favorável, conforme esperava o Zuca.

Antônio Alexandre, conhecendo que o caso estava mal entendido e mal informado, resolveu defender-se, usando de sua "sabedoria".

Tímido e sem querer ofender, diz em suas palavras, criadas por ele mesmo: "Dotô... Eu num arrojo pra ingulir. Eu tando disinsufrido, ofindido e oflito, eu só num ocuso pra num infra-mar a parte".

O Dr. Juiz, como autoridade suprema e traquejada, conheceu

o sentimento de Antônio Alexandre e deu-lhe a causa ganha com justa razão.

No interior é difícil se ver um caboclo daqueles pra não ser um sujeito hospitaleiro, direito e honesto. No entanto, quando aparece algum treteiro, é pior mesmo do que os da cidade grande. Passa a ser condenado por todos e vive na mira de todos da redondeza.

Um desses morava na propriedade de um cidadão, fazia mais de 10 anos. O proprietário, apesar de ser um tanto tímido, fora advertido para o problema legal da ocupação da propriedade por muito tempo e alertou o seu morador: "Procure retirar-se de minha propriedade e vá logo se arrumando em outra".

O camarada ficou meio pensativo; mas sabendo que seu patrão era tímido, como a maioria dos homens do interior, e que ir à Justiça ou ser chamado à responsabilidade é uma desfeita, preparou uma cilada: foi diretamente ao Juiz daquela Comarca. Entrou no Cartório com o chapéu debaixo do braço e, com um linguajar conforme a sua capacidade e esperteza de treteiro, diz ao Dr. Juiz: "Eu moro na propriedade de Duda de Pedro Melo, há 10 anos, pagando tudo certinho, como manda a lei: de quatro, um. Ontem ele me deu um despejo, de dentro pra fora, mandando que eu desocupasse sua propriedade".

— O senhor tem nessa propriedade, alguns bens de raízes?

— Tenho sim, senhor.

— O que?

— Eu planto coentro.

O Dr. Juiz reconhecendo a treta em que estava envolvido, agitado diz: "Desocupe a propriedade do homem dentro de 24 horas".

O sujeito saiu desconfiado e foi logo traçando um plano do que deveria fazer. Sem perder as esperanças e confiado na ingenuidade do patrão, foi-lhe ao encontro e disse: "Eu já fiz sua cama lá junto ao Juiz". Ao que o patrão, assombrado, respondeu: "Retire a queixa e more mais 10 anos".

CAPÍTULO XVIII

GENERINO BATISTA

Nasceu em Teixeira, na Paraíba. Chão abençoado onde nasceram os grandes cantadores: Ugolino, Romano, Josué Romano, seu filho; Trajano Garachia, Silvino Pirauá Lima e muitos outros.

Parece que o pináculo da serra do Jabre, por estar mais perto de Deus pela sua altitude, fez ligações de antenas divinas na cabeça de cada filho do espinhaço da Borborema.

É isto que se dá com Generino Batista. Não estudou nem as primeiras letras, mas expressa todo o seu sentimento com suas próprias palavras.

Certa vez, ele cantava em uma de suas felizes noitadas e o seu parceiro terminou uma sextilha dizendo:

Meu respeitável colega
Tanto fala como erra...

Generino, humildemente, responde:

Eu moro num pé de serra
Que não sabe ler ninguém
O meu pai chama "prumode"
Minha mãe chama "quiném"
E o filho de um casal deste
Que português é que tem?...

Generino por ser pobre e pouco entendido de seu talento poético, às vezes sai para trabalhar em outras atividades. Ao chegar de uma dessas viagens de aventuras pelos brejos de Campina Grande, estava programado um baião de viola. Seu parceiro rompeu perguntando:

Me diga como é que vai
O inverno de Campina...

Generino pega no deixa e diz:

O inverno de Campina
Foi só uma sereneira
Brejeiro tem um costume
Quando lucra uma porqueira
Antes de amadurecer
Bota pra vender na feira.

Respondeu ao colega sem forçar as palavras, com a maior simplicidade. Mas o colega não se contentou. Mais adiante torna a ferir o assunto de Campina, perguntando:

Você sempre tem cantado
Na cidade de Campina?

Generino, com o seu cantar ronceiro e um pouco indolente, responde:

Lá nas terras de Campina
Eu mudei de profissão
Eu trabalho na rodagem
Com um picarete na mão
E um fiscal gritando atrás
Ou trabalha, ou perde o pão.

É assim o grande poeta e cantador: na sua vida de luta, humilhado por um fiscal, embora ache tudo muito natural. Não sabe o valor que possui. É como o boi de carro: se também sou-

besse a força que tem, quebraria a canga, o carro e dava no carreiro.

Dando continuidade à “penúria”, o colega encerra uma nova sextilha, dizendo:

Só existe sacrifício,
Naquela morada minha...

Generino rebate:

E na minha pobre casinha
O sacrifício é demais
A panela sem comida
A lamparina sem gaz
E um foguinho no meio da casa
Toda noite a gente faz.

Como se vê, o poeta decantava a sua derrota com a maior felicidade. É que ele compreendia, também, a situação dos outros.

Certa vez cantava em uma casa humilde, numa vila, onde nem energia tinha. O candeeiro aceso e a sala, naturalmente, meio escura; o povo do lado de fora, fazendo pouco caso da cantoria, da dupla humilde e do ambiente. O parceiro termina uma estrofe assim:

Nesta vida de cantar
Nós somos dois menestréis...

Generino, com seu jeito de poeta, conformado com o seu estado de humildade, diz:

Nós somos dois caborés
Cantando aqui neste escuro
É um em cima de um toco
O outro em cima de um muro
E quem ‘tá’ de fora dizendo:
Ô! Caborés sem futuro!...

Todo mundo que estava fora entrou e aplaudiu.

Como Generino encontramos muitos outros valores no anonimato. Nem sempre se faz justiça a eles. É o caso de Zé Gaspar, de quem falaremos para encerrar este capítulo.

Filho de Cajazeiras, na Paraíba. Infelizmente, assassinado em Juazeiro do Norte, no Ceará. Era uma figura simples. Seus versos tinham cheiro de mato; belos e espontâneos.

Ele dizia coisas lindas e profundas, com palavras simples. Constatem essa verdade ao observá-lo cantando com Ivanildo Vila Nova, um poeta de grande conhecimento literário e que começou a exibir seu saber falando sobre Paris.

Zé, fugindo do assunto, pois pouco tinha lido sobre o Velho Mundo e, muito menos sobre a Cidade Luz, contentou-se em arrumar suas idéias dentro dos seus limites culturais.

Ivanildo reinsistiu dizendo:

Meu colega Zé Gaspar,
Cante falando em Paris...

Zé, na sua maneira de falar, com frases fáceis, diz:

Cantar falando em Paris
Isso é negócio de tolo
Conheço um sítio Paris
Perto do sítio Criôlo
Onde um cabra matou outro
Com uma banda de tijolo.

Em outra ocasião ele estava cantando com um outro colega, que, sabendo do seu estado de pobreza, disse:

Nesta época tão mesquinha
Diga como vai passando...

Gaspar responde:

Eu estava me alimentando
Com frutas de macaúba
Mas o pé cresceu demais
Pra subir, não há quem suba
De vara, ninguém alcança
De pedra, ninguém derruba

CAPÍTULO XIX

VICENTE PRETO

Em Itapetim, terra de Rogaciano Bezerra Leite, vate que cantou sua saudade, as dores e as alegrias de nossa terra, poeta boêmio que desafiava as madrugadas com sua cabeleira "Castroalviana", nasceu também o poeta Vicente Preto, como mais popularmente era conhecido.

Poeta de grande valor. Tirava de onde não tinha... como podemos observar por este mote que lhe foi dado:

A balança do futuro,
Só pesa a prosperidade...

Vicente se desligou do chão, fechou os olhos e atirou-se para o céu da inspiração, dizendo:

As vezes tenho pensado
Comigo, abstratamente
Que a balança do presente
Vive pesando o passado
São Miguel pesa o pecado
Como Deus pesa a verdade
Sem excetualidade
Pesa o puro e o impuro
E a balança do futuro
Só pesa a prosperidade.

Essa é uma das maiores glosas que conheço, como outras que irei citar mais adiante, de outros famosos glosadores. É o caso da que se segue, parece-me que do poeta José Bernardino, cujo mote era este:

Deus sabe quem pesa mais...

O poeta, com sua imaginação fértil, imediatamente responde em sua belíssima glosa:

Quando eu for pra eternidade
Digo a São Miguel, de perto
Que pese o meu peso certo
Na balança da verdade
Se por casualidade
Eu for julgado incapaz
Digo: aí vem outro atrás
Pra ser pesado depois
E quando pesar nós dois
Deus sabe quem pesa mais...

CAPÍTULO XX

O POETA DA SAUDADE

Disse um filósofo que “o inteligente não tem berço”. Acho ser uma pura verdade, pois ele nasce em qualquer lugar.

A Natureza quando dá, não toma; sem distinção. Quando ela faz uma oferta, nota-se a sua satisfação pela obra feita.

Mas, existem lugares tão privilegiados que diferem dos demais; e que, por mercê divina, dão destaque ao seu povo.

É o caso de Itapetim. Umburanas, no tempo de Vila. Ex-Distrito do Município de São José do Egito, em Pernambuco. Ali nasceu Antônio Pereira. Nunca leu uma carta de ABC, o que significa: nada trouxe dos livros, embora muitas coisas suas tenham sido levadas para os livros.

É chamado o “Poeta da Saudade”; essa coisa abstrata, fácil de sentir, porém difícil de discernir ou discriminar. Ele fala dela impulsionado pelo talento.

É uma figura humilde, um pouco triste, de fala macia e que dá a impressão, devido ao seu frágil corpo, de sentir dificuldade com o peso de sua grandeza poética.

Queixa-se ele que a tal da saudade ataca mais à tarde, como podemos comprovar nesses versos:

A noite passa tristonha
Quando é de manhazinha
Que a gente vê a aranha

Tecendo, puxando a linha
Já é medindo o tamanho
De uma saudade à tardinha...

Assim, o poeta vai longe, ferido pela saudade que o magoa,
mas que o inspira. Sintamos um pouco mais dessa sua ins-
piração:

Saudade é nada e é tudo
Saudade é como o perfume
Eu só comparo a saudade
Com o peso do ciúme
Que a gente carrega o fardo
Mas não conhece o volume

Quem quiser plantar saudade
Escalde logo a semente
Procure um terreno seco
Na hora de sol bem quente
Que se plantar no molhado
Quando nascer mata a gente

Saudade é um parafuso
Que na rosca quando cai
Só entra se for torcendo
Porque batendo não vai
Depois que enferruja dentro
Nem distorcendo não sai.

CAPÍTULO X X I

JOÃO ISIDRO FERREIRA

Falamos antes que “o inteligente não tem berço”, conforme disse o filósofo. Ao meu ver, a palavra “inteligência” não cabe ao verdadeiro gênio.

O “inteligente” ajeita as coisas. O “gênio” já nasceu, dotado. É um destaque mesmo, que a Natureza lhe deu como qualquer coisa a mais dos outros. No meio de milhares de inteligentes, aparece um com um dote diferente de todos: é o gênio.

João Isidro Ferreira é um deles. Nasceu no Município de Tabira, ainda quando era Distrito de São José do Egito, no ano de 1912. Foi cangaceiro dos Dantas, da Paraíba, ex-trocador de cavalos na feira e depois a sua maior revelação: grande cantor de viola.

Nunca foi à escola nem leu uma carta de ABC. Em compensação era possuidor de uma idéia franca e de um poder de agradecer, em todo ambiente que cantava.

Um belo dia ele estava cantando com um colega que começou a mostrar sabedoria, pois já havia tomado conhecimento de que João Isidro não tinha muita instrução. E assim terminou uma sextilha:

O que eu digo num segundo
Você não sabe num mês...

João Isidro revidou, imediatamente:

Relativo a português
Você comigo está só
Que eu sou um analfabeto
Não conheço nem um "ó"
Gramma conheço um capim
E Tica de Zé Chicó.

De outra feita ele cantava com um parceiro e levava uma certa vantagem, como sempre. O colega, para disfarçar, dizia de vez em quando: "É porque você é cantor maduro"...

João Isidro, muito malicioso quando alguém o feria, e conhecendo bem o gosto do público, soltou sua sátira:

Se quiser ficar maduro
Vou passar-lhe uma lição
Corte a cabeça e o fundo
Como se faz com mamão
Dê um talho no espinhaço
Se soque no algodão

O que mais me admirava nele era sua presença de espírito e a sua agressividade. Era de uma lembrança notável. Notem esta.

Quando a gente alcança uma graça, pela cura de uma parte qualquer do corpo atingida, segundo a crença popular, deve-se levar ao local milagroso uma cópia, em cera ou em madeira, da parte recuperada do corpo.

Num ambiente onde ele estava cantando, apareceu um mau cheiro e o seu colega terminou uma estrofe assim:

Por aí soltaram um troço
Que eu não estou mais agüentando...

João Isidro saiu logo com a sua velha malícia, em grande categoria:

Apenas estou avisando
Quem tiver desta maneira

Faça uma promessa e vá
Uma visita em Frexeira
E leve pra Santa Quitéria
Uma ticaca de cera.

ob alguns outros
são um abraço e um beijo de João Isidro

É costume nas cantorias haver alguém que aponte, para os violeiros, as pessoas presentes para os elogios. Certamente por brincadeira, foi-lhe apontado um tal de José Bento que havia sido preso e tinha sido muito maltratado pela polícia.

João Isidro chamava-o e ele se fazia de não entender. O poeta então soltou uma brincadeira que o tal José Bento não gostou e foi chamar a Polícia, chegando com um cabo. O parceiro de João disse:

João Isidro, José Bento
Vem chegando novamente...

Ao que João, pegando no deixa, respondeu:

Pois essa classe de gente
Eu morro doido e não gabo
Faz um mês que José Bento
Levou madeira no rabo
E anda pra cima e pra baixo
Cheirando o cu desse cabo.

Em outra ocasião um outro colega quis aproveitar-se do saber, na certeza de que João não tinha conhecimento literário e começou a falar de agricultura, da importação e exportação de nossa safra: algodão, rama, lã, enfim, de tudo para que servia a semente, trazendo um pouco de sacrifício para João. Este, chateado naturalmente, preparou uma de suas armadilhas e soltou na sua violenta estrofe:

Admiro muito o milho
Pela sua utilidade
Dá xerém, dá munguzá
Pra se comer à vontade

E ainda fica o sabugo
Pra outra necessidade.

Com isto o público veio à tona e João Isidro tomou conta do ambiente. De fato, ninguém se saía com ele.

Era um sujeito notável...

CAPÍTULO XXI

O PAPA DOS VIOLEIROS

Severino Lourenço da Silva Pinto (Pinto do Monteiro). Filho do Sr. Francisco Lourenço Sarmiento e de D. Úrsula Bezerra da Silva. Nasceu em Monteiro - PB, na rua da Igreja daquela cidade, embora seus pais fossem do sítio Carnaubinha, daquele Município. Tendo a sua mãe ido à cidade, em elevado grau de gestação, sentiu as primeiras dores, seguindo-se dos sinais que anunciavam a vinda do genial poeta.

Foi vaqueiro da fazenda Feijão, no Município de Sumé, antes, de Monteiro. Ingressou na polícia de Pernambuco no ano de 1916, por intermédio de Teófanés de Souza Ferraz, na cidade de Foresta do Navio, destacando na vila São Francisco, de Serra Talhada.

Teve como superior o sargento Vanderley, da cidade de Flores, na época em que se sobressaíam os fortes-homens nas pessoas de Sebastião Pereira, Luiz Padre, Antônio da Umburana e Pedro Santa Fé, que era muito valente, entre tantos outros. Era também a época do Cangaco. Foi quando, em Bom Nome, o cangaceiro Sereno foi assassinado. Era filho de Luiz Pedro, da vila do Pajeú, em São Francisco.

Em 1919 Severino saiu da polícia, depois de ter sido preso em Serra Talhada devido a uma desavença com outro soldado, seu colega, por ter este batido em uma mulher. Não foi nada fácil para ele livrar-se dessa confusão; tanto que, ainda hoje, ele guarda conveniência ao falar sobre sua ex-profissão.

Quem o tirou da prisão foi o coronel Cornélio Soares, homem forte daquela época e de grande influência política.

Daí em diante começou a cantar de viola, embora muita gente não confiasse que ele viesse a ser um bom cantador.

O resultado foi inesperado. Assombrou todo mundo. Muitas vezes negava até o nome onde chegava quando queria pegar um cantador de surpresa, por grande que fosse.

Pinto sempre foi, e continua sendo, assombração dos cantadores. No ano de 1940 foi cantar em Fortaleza com João Siqueira de Amorim. Lá no Passeio Público, ouviu uma voz forte que dizia: "Quem quer ir para o Amazonas, ser guarda-combatente à malária?..."

Pinto se apresentou e disse: "Eu"! E foi.

No navio Pedro II, às 8 horas do dia 9 de fevereiro, o Papa dos Cantadores seguiu para a região amazônica, deixando um grande vazio entre nós.

Somente em 1947 tivemos o Rei dos Repentistas de volta à nossa terra. E ele recomeçou suas atividades poéticas, algumas vezes de maneira satírica; outras vezes de modo lírico; outras tantas vezes enveredando pela agressividade, sempre demonstrando ser uma grande miscelânea humana; o bem-aventurado menestrel dos versos.

A prova disto está quando ele um dia cantava com Firmo Batista, do Monteiro, que fez uma cantoria se agitar ao abordar determinado assunto. Firmo terminou uma estrofe assim:

Pinto, não brinque comigo
Que eu sou um cantador mau...

Ao que revidou, valentemente, o grande poeta:

E eu sou como o Lacrau
Que do lixo se aproxima
Se alimenta sugando
A umidade do clima

Doido que um caipora
Chegue e bote o pé em cima

Continuando a cantoria, no grande debate, Firmo termina outra estrofe assim:

Você 'tá' ficando velho
E não merece confiança...

Pinto, imediatamente, responde com sua engenharia poética:

Sou igualmente à balança
Dessa marca Filizola
Que de um lado vê-se um prato
Do outro lado uma bola
E um ponteiro no meio
Onde o matuto se atola.

De outra feita, numa dessas suas grandes e ferrenhas lutas, em seu desafio, o parceiro termina uma sextilha assim:

Quando eu for para o outro mundo
Vou lhe promover a galo...

Facilmente Pinto jogou esta sátira:

Se eu gozar desse regalo
Concedendo a providência
Quando eu for pra o outro mundo
Havendo esta transferência
Você vai como galinha
Para a mesma residência.

Um belo dia ele cantava em São José do Egito, onde estava um grande elenco de cantadores: Lourival, José Faustino Vila Nova, seu filho Ivanildo, Cancão, etc.

Ivanildo estava no início de sua carreira, ainda criança. Hoje, um grande repentista. Pinto, naquele recinto, já havia

cantado com vários outros cantadores, faltando ainda disputar com os Vila Nova: pai e filho. O velho Pinto rompeu assim:

Eu já cantei com Cancão
Um pássaro do bico fino
Cantei com José Catota
Vem agora Zé Faustino
Este aqui eu mato logo
Depois enforco o menino

Certa vez, Pinto cantando com um outro seu colega, este elogiava o Sertão, terra do velho cantador, e terminou uma sextilha assim:

Não sei medir o tamanho
Dessa gente sertaneja...

Pinto pega no deixa e diz, com sua maneira autêntica de sertanejo puro e de versos fáceis:

Que eu esteja em casa ou não esteja
Chegue, entre e arme a rede
Coma se estiver com fome
Beba se estiver com sede
Se quiser se balançar
Empurre o pé na parede.

De outra vez, João Batista Bernardo (João Furiba), que reside na cidade de Sumé (antigo São Tomé), na Paraíba, cantando com Pinto, falava de uma mercearia que Pinto havia possuído. Para chateá-lo, disse que ele não havia feito muito negócio porque não tinha o nome João nas mercadorias.

Ao que Pinto, envenenado, respondeu:

João, uma mercadoria
Que nela tiver teu nome
Se passar um guabiru
Com quinze dias de fome
Arrodeia, mija em cima
Passa por perto e não come.

João, não satisfeito, zanga mais o poeta oferecendo-se:

Vá comer na minha casa
Um queijo assado na brasa...

Pinto, mais nervoso e já aborrecido com João, diz:

Eu vou fazer uma casa
Na serra da Carnaíba
De frente pra Pernambuco
De costas pra Paraíba
Só pra não ver duas coisas
São Tomé e João Furiba

Numa dessas noites maravilhosas de cantoria, um seu colega feriu o assunto de casamento. Nesse debate começou a maltratar a mulher e terminou uma estrofe assim:

Negócio de casamento
A qualquer sujeito arrasa

Pinto revidou, com elogios à mulher, pegando no deixa:

Quando uma mulher se casa
Deus dá a ela um destino
Botar milho pra galinha
Dar lavagem pra suíno
Levar gritos do marido
Limpar merda de menino.

Dando prosseguimento a essa cantoria, seu colega terminou uma sextilha, dizendo:

Você já está quase morto
Prepare o seu ataúde...

Pinto, com sua maneira maldosa e agressiva, disse pegando no deixa:

Pela idade e a saúde
Estou de vista embaçada
Não divulgo uma pessoa
Daqui pr'aquela calçada
Sendo mulher, inda enxergo
Mas, homem eu não vejo nada.

Em uma outra cantoria Pinto começou a elogiar uma pessoa, por informação de quem apontava os presentes. Pinto sempre elogiando e chamando, e nada de ser atendido. Quando a pessoa chamada apareceu, era um rapazola, que jogou umas notas na bandeja; mas, notas pequenas, caindo uma parte dentro e outra fora. Daí, seu colega, vendo a mincha paga, diz em sua estrofe:

Demoramos tanto tempo
E foi tão pouca a quantia...

Pinto responde em cima das buchas:

Pela demora eu sabia
Que era um ponta de rama
Gente dessa qualidade
Pinto cantando não chama
Que cabra ruim não dá leite
E o pouco que dá, derrama.

Em toda cantoria há o momento dos elogios, em que o cantador faz uma exaltação ao ouvinte, para agradá-lo e a paga ser recompensável. Em uma delas o velho Pinto elogiava um sujeito e tudo fazia para agradá-lo. O camarada foi-se retirando e não pagou. Pinto notou que ele tinha uma verruga no rosto e, velho rei do repente que era, imediatamente soltou a dele, com esta sextilha:

Eu não posso confiar
Em cabra que tem verruga
Cachorro de boca preta
Terreno que não enxuga
Comida que doido enjeita
E casa que cigano aluga

Severino Pinto foi a Campina Grande pela primeira vez, para cantar com Josué da Cruz, atendendo a um convite deste.

Pinto é um pouco Inuduzento e, por isso mesmo, muito perigoso para quem o ataca.

No dia do grande encontro o velho poeta estava atacado. Josué, começando a cantoria, para agradá-lo termina um repente assim:

Em Campina, ao seu dispor
Seu colega Josué...

Pinto responde:

Eu sei que Campina é
Da Paraíba, a estrela
Passei vinte e cinco anos
Cantando sem conhecê-la
E ainda posso passar
Mais outro tanto sem vê-la.

Certa vez, com Zé Faustino Vila Nova que era um pouco arrogante este termina uma estrofe assim:

Todo profissional
Respeita José Faustino...

Pinto, com toda agressividade, revidou:

Te conheci de menino
Lá em Gonçalo Ferreira
Mas a tua cantoria
É como disco de feira
Levando agulha no fundo
E cantando a mesma besteira.

Pinto é o verdadeiro cantador de repente. Bem diferente dos que normalmente conhecemos, que seguem uma rotina. Ele, não.

Responde ao que lhe perguntam e revida conforme lhe ferem. Numa cantoria, seu colega querendo atacá-lo, disse:

Aqui nesta cantoria
Eu quero deixá-lo rouco...

Pinto, com sua inesgotável idéia, responde:

Cantar com quem canta pouco
É viajar numa pista
Com um carro faltando freios
O chofer faltando a vista
E um doido gritando dentro
Atola o pé motorista!

Não se pode nem eu posso ter condição de medir ou dizer o tamanho de Pinto. Até ele mesmo desconhece o seu gigantesco tamanho.

Aquela figura imorredoura tem coisas que não sei como o seu frágil corpo suporta. Nessa sua mini-biografia tentamos mostrar um pouco daquilo que ele é, do que ele já foi e do muito que ainda poderá produzir. Dentro daquele crânio bafejado pela Divina Natureza, tem muita vivência, muito conhecimento teórico e muita prática da vida.

Ele é um privilegiado pela Divindade. É grande no presente e sempre foi admirado nos tempos áureos, que marcaram seu passado.

Pinto é um sujeito passado na casca e na golda...

CAPÍTULO X X I I I

UM CANTADOR DE VERSOS FACEIS

Manoel Xudu Sobrinho. Filho de São José do Pilar, Paraíba. Área onde nasceram os maiores daquele Estado.

Xudu!... Uma verdadeira lufada de versos, a toque de caixa. Uma cachoeira de improvisos e uma tempestade de rimas.

Seus versos são espontâneos como o sopro da ventania; têm o cheiro da flora na época das primeiras ramas no início do inverno.

Ele é um santo em pessoa, embora muito extravagante como, aliás, são todos os poetas. Louco pela esposa. Ela é seu céu e o seu mundo. Seus versos mostram que ela é a dona de sua santa inspiração.

Podemos provar isto quando ele, um dia, cantando um pouco doente devido às extravagâncias, seu colega disse em uma estrofe:

Parece que vais morrer
E não vais mais a São José...

Xudu, imediatamente, responde:

Se fores a São José
E eu tiver falecido
Manda dizer a Anita
Que ela perdeu o marido

E se quiser casar com outro
Não mude a cor do vestido.

Manoel Xudu é um abençoado de Deus. Certo dia, em seus desafios, um colega abordou:

Caro Manoel Xudu
Tenho santa inspiração...

Xudu pega no deixa e diz:

Sou igualmente a pião
Saindo de uma ponteira
Que quando bate no chão
Chega levanta a poeira
Com tanta velocidade
Que muda a cor da madeira.

Ele é uma pessoa humilde, tratável e considera todo cantor maior do que ele. Numa de suas cantorias, chegaram Zé de Cazuzza, o famoso Lourival Batista e Heleno Rafael. Ele, emocionado com tão ilustres presenças, assim rompeu seu primeiro repente:

Cantar pra Zé de Cazuzza
Pra Lourival, pra Heleno
É mesmo que matar cobra
Com um cacete pequeno
Pisar na ponta do rabo
Sem se lembrar do veneno.

Xudu é um exemplo para quem luta, sem cuidado, com coisas perigosas.

Como já fiz referência anteriormente, ele sempre fala em sua esposa, em todo lugar que canta. Certa vez, um colega seu terminou uma estrofe dizendo assim:

É triste dá-se um presente
Que não era pra ter dado...

Manoel Xudu caiu no campo que ele gosta. Assanhado pela idéia, pega no deixa e diz:

Eu era sacrificado
Quando eu casei com Nita
Não podia dar-lhe nada
Dei-lhe um vestido de chita
E ela beijou dizendo
Oh! Que fazenda bonita.

É uma surpresa agradável para quem dá um presente, pensando ser insignificante e receber o conforto de um agradecimento como esse.

Outra vez, cantando com Ivo Soares, este terminou uma sextilha assim:

Eu não sei quem foi que deu
Tanta catanga à Ticaca...

Xudu revidou imediatamente:

Eu admiro uma vaca
Desgarrada do rebanho
Com uma bezerra de lado
De pequeno tamanho
Lambendo o corpo da filha
Porque não sabe dar banho.

O cantor de repente tem sempre uma especialidade, uma linha, um estilo. Uns, em sextilhas; outros em mote, etc. Mas Xudu é especialista em tudo. Certa vez, deram-lhe um mote assim:

Quem perde mãe tem razão
De chorar o que perdeu...

Manoel se concentrou, mirou com os olhos da mente o céu da inspiração, e começou:

Minha mãe que me deu papa
Me deu doce, me deu bolo
Mamãe que me deu consolo
Leite fervido e garapa
Mamãe me deu uma tapa
E depois se arrependeu
Beijou aonde bateu
Acabou a inchação
Quem perde mãe tem razão
De chorar o que perdeu.

De outra vez Manoel estava cantando e um camarada, meio bêbado, oferecia-lhe cerveja e insistia: "Olha a cerveja, Manoel! Toma a cerveja!... Manoel desembuxou e disse:

Deixe de sua imprudência
Deixe eu findar a peleja
Como é que eu posso cantar
Tocar e tomar cerveja
Cachorro é que tem três gostos
Que corre, late e fareja.

Não se pode imaginar tanta velocidade de pensamento como a que tem o cantador de viola. Sua inspiração se atira a uma altura que o próprio poeta desconhece.

E é entre estes que se situa o nosso patriarcal Manoel Xudu Sobrinho.

CAPÍTULO XXIV

OS GÊNIO DA VIOLA

Perguntaram a Bilac: "Que diz do poeta?" Ele respondeu: "Um doido". Fez uma pausa e acrescentou: "Mas, um doido divino".

De fato, são esses divinos doidos os fiscais da natureza que sabem exaltar o que ela cria e apresentam, ao infinito, tudo o que provém da terra.

Entre esses destacamos, inicialmente, Ascendino Alves.

Poeta, repentista e sonhador. Criador de metáforas; figuras de linguagem que se aprende nos colégios, mas que ele mostra ao cantar com sua viola.

Paraibano de Pedra Lavrada, bom poeta como seus demais conterrâneos criativo e movido pelo engenho da alma, pelo rodado moinho e pela inspiração de coisas bonitas, como essa, de improviso, numa estrofe de seis versos:

As estrelas são safiras
Incrustadas no infinito
Pela mão da natureza
No seu trabalho bendito
Botou do lado de fora
Pro céu ficar mais bonito.

João Benedito Viana. Também paraibano da cidade de Esperança. Enquanto Ascendino era especialista em metáforas,

aqui nós encontramos um criador de provérbios. Observa-se por esta sextilha, por ele improvisada em uma de suas cantorias:

O homem pensa que veio
Pr'aqui gozar regalias
Mas ele está enganado
Veio só pra passar uns dias
Quando chegou, nada trouxe
Volta com as mãos vazias.

Um outro paraibano impressionante é José Bernardino.

Um pouco vagaroso na cantoria, mas, um filósofo. Os versos dele são neste quilate:

Eu não sei por que motivo
A sorte deu-me um abalo
O prazer correu na frente
Eu não pude acompanhá-lo
Vivo tombando no mundo
Como quem corre a cavalo.

Foi José Bernardino o primeiro cantador que ouvi cantar. Eu era criança, quando tive a felicidade até de decorar um repente seu, cantando com seu irmão Amaro Bernardino, que terminou uma sextilha assim:

O que mais me atormenta
Ser velho, e já fui menino...

José Bernardino, ronceiro como sempre, mas perseverante e com muita alegria de viver, responde:

Sou eu, José Bernardino
Velho da antiguidade
Estas rugas do meu rosto
São as provas da minha idade
E os anos que desejo
Inda não vou na metade.

José Soares, de Caruaru - PE. Contemporâneo de José Bernardino. Também grande cantador. Muito saudoso... Um grande escritor da Literatura de Cordel, com vários folhetos, romances, etc. Em uma de suas cantorias, terminou um repente assim:

Há muito tempo que eu
Ao sofrer me dispus
Vou levando esse madeiro
Vou conduzindo essa cruz
Vou ver se por entre as trevas
Me aparece uma luz.

Em São José do Egito, numa cantoria sua, deram-lhe este mote:

Quem ama a Virgem Maria
Anda sem temer a nada...

Ele, muito católico, como em geral é quase todo poeta, começou assim:

Ao entrar na escuridão
Peço a Deus que me proteja
Embora que a noite esteja
Preta da cor de carvão
Sigo qualquer direção
Por vereda ou por estrada
Se houver uma emboscada
A mão de Deus me desvia
Quem ama a Virgem Maria
Anda sem temer a nada.

Infelizmente, há muitos bons cantadores que ficam no anonimato; ou por mal-entendidos ou, às vezes, por falta de quem os apresente. A maior prova de que são eles pouco entendidos é a afirmativa do talento que possuem. Claro o que é bom não é fácil de ser entendido, ou melhor, compreendido.

José Feitosa é um deles. Feitosa do Calumbi, como é conhe-

cido, nasceu no Sítio Camaleão daquele Município. Pouco lembrado apesar de ter grande valor.

Faço questão de focalizá-lo com certo destaque, como um reconhecimento aos valores e à boa obra que apresenta, e ao bom trabalho que faz, em nada inferior aos medalhões, que são, muitas vezes, endeusados por gente não muito entendida.

Observem estes versos de Feitosa do Calumbi.

Ao cantar com João Paraibano, de Princesa Izabel, João terminou assim:

Não sei quem botou coceira
No espinho da urtiga...

Feitosa embalou, na sua inspiração fértil, e disse:

Eu admiro a formiga
Daquela grande, amarela
Cortar folha o dia todo
Levar pra morada dela
Saber o dia que chove
Sem ninguém dizer a ela.

Prosseguiram a cantoria e João termina outro repente assim:

O pistoleiro é tão frio
Que mata seu próprio irmão...

Feitosa se ajeitou, temperou a güela, balançou as cordas da viola e revidou:

Mas quando vai à prisão
Diminui mais seu anseio
Vai residir num presídio
Em um quarto escuro e feio
Pagando as gotas de sangue
Que tirou do corpo alheio.

De outra vez, ele cantava com João Batista Bernardo, o famoso João Furiba, e este terminou uma estrofe assim:

O que eu venho arranjando
Não dá nem pra o guaraná...

Feitosa desabafou, com esta sextilha, pegando no deixa:

De certo dia pra cá
Eu já dei fé que me arraso
Penso que vou mas não vou
Penso que chego e me atraso
Se faço a casa não moro
Arranjo a noiva e não caso.

Segue a cantoria pela noite a dentro, cada um que estivesse mais inspirado e feliz de pensamento; e João termina outra estrofe assim:

Do jeito que a coisa vai
Dou graças a Deus estar vivo...

Feitosa, imediatamente, responde:

Eu não sei por que motivo
O tempo me desacata
Que até a roça que boto
A Natureza é ingrata
Quando cavo, a chuva entope
Quando planto, o verão mata.



Antonio Pereira e Cancão (São José do Egito, 1978)



Da esquerda para a direita: Diniz Vitorino, Orlando Tejo e João Furiba (São José do Egito, 1978)



Em pé, da esquerda para a direita: Geraldo Amâncio, Zé Amaro, Lecy, Diniz Vitorino e Pedro Amorim (São José do Egito, 1978)



Jó Patriota, Ésio Rafael e Lourival Batista (São José do Egito, 1978)

Sentados: Cancão (centro), Espedito Sobrinho, Manoel Xudu e João Furiba (São José do Egito, 1978)



Com Manoel Filó e Antonio Pereira,
ouvindo o cego cantador em São
José do Egito, 1978



Marcolino e Maria do Carmo
(Juazeiro-BA, 1976)



Da esquerda para a direita: José Paulo, Maria Lúcia, José Walter,
Maria de Fátima José Ubirajara, José Anastácio, José Itagibá, Maria
do Carmo e Marcolino.

CAPÍTULO XXV

MINHA QUERIDA MÃE

Francisca Gomes de Melo foi o nome dado à minha inesquecível mãe. Nasceu no sítio Terra Vermelha, do Município de Sumé, na Paraíba, em 1887. Teve 21 filhos, sendo eu o último. Nasci em 1930.

Ela gostava de me contar como foi o dia do meu nascimento, dizendo que se achava sozinha, pois papai estava fora de casa. A parteira foi Felipa, do sítio Carnaúba de Baixo, daquele Município. Conheci um de seus filhos, Antônio Gangarra, um preto muito positivo e verdadeiro.

Dona Chiquinha como todos a chamavam mereceu, de minha autoria, uma música que se tornou sucesso na interpretação do Rei do Baião. Até mesmo meu pai a chamava de Chiquinha que, pela dificuldade da pronúncia, meus irmãos mais velhos a tratavam por "Titinha". À medida que eles iam crescendo, transmitiam o hábito para os mais novos. Só chamávamos de mãe, para tomar-lhe a bênção.

O dia da feira era a segunda-feira dos minutos e segundos mais demorados de minha vida. Minha mãe ia para a feira de Sumé. Eu, ainda criança, passava o dia inteiro olhando para o lado daquele caminho que escondia a presença de minha mãe, por um dia e parte da noite. Sumé ficava à distância de 18 km. Pela falta que eu sentia dela, essa distância de três léguas era o fim do mundo.

Quando ela chegava, depois das sete horas da noite, eu já estava dormindo, entorpecido pelo choro e pela sua falta; e sete horas da noite, para um menino do sítio, é muito tarde.

Eu dormia sonhando com a sua chegada da feira. Quando era de manhãzinha, que eu me levantava, ali estava o presentinho que ela trazia para mim. Se era uma roupinha ou um parzinho de alpercatas, sempre me transmitia aquele cheiro novo, com um sabor de felicidade. Se era um pão, quando eu o saboreava, tinha gosto de coisa do céu, tanto pelo que criança sente no pão, como pela carícia daquele coração de mãe, como era a minha.

Ah! Como é feliz a pessoa que não possui coisas demais! O que chegava naquela casinha da gente, trazido pelas mãos daquela mulher de tão pequena estatura, como nos satisfazia!...

Quando ela saía para qualquer lugar e eu ia em sua companhia, eu me atrasava um pouco, pois ela andava muito apressada. Mas à distância, eu a via gesticulando, fazendo planos, falando nos filhos e, de quando em vez, saía de sua boca o velho hábito: "Hum! Hum!"... E eu, ali atrás, criança sem experiência, sem saber nem avaliar a prenda tão preciosa que caminhava em frente.

Fez-me confessar 18 vezes seguidas. Eu havia feito as nove comunhões reparadoras e ela disse: "Vai fazer mais nove"... E isto a uma distância de três léguas.

Saíamos pela madrugada de tal maneira que quando o Vigário, que era meu padrinho de crisma, chegava à igreja, a gente já estava. Aquele tão grande Ministro de Cristo, meu Padrinho Sílvio cumprimentava minha mãe, me abençoava, e dizia: "Comadre Chiquinha não falha".

A igreja de minha terra foi construída por aquele digno representante de Cristo, com esmola de tostão. Quando uma pessoa lhe dava dois, ele dizia: "Na outra semana não precisa dar mais. Já deu pelas duas".

E a Festa da Conceição, no dia 8 de dezembro, em Sumé?!

Ah! Como me lembro! Ainda fui, com minha mãe, na igreja velha... Lá, dava meus cochilos no seu ombro. Tinha o maior

medo de me perder. As cem casas daquela vila, naquele tempo, era coisa demais! A gente se arranchava na casa de Manoel Coco, ou também na casa de Mocinha de Zé Matuto.

Depois fui crescendo, e ainda merecendo o cuidado daquela mãe tão sofredora, pelo amor dos filhos. Só os abençoava banhada em lágrimas. Tudo o que sou hoje, tudo o que penso sobre o amor, devo à minha mãe. Até as vezes que me fez confessar, contra minha vontade, estão me servindo hoje em dia.

Daí fazer minhas as palavras do grande poeta e meu compadre Jó Patriota, nessa sextilha:

A minha mãe estremosa
Que morreu num trágico dia
Aquele que me ensinou
As rezas da Ave Maria
Me desligando do mundo
Pra ver se o céu me queria.

Como toda mãe, a minha era muito boa. Pela prenda que perdi, pela sua falta, às vezes quero desesperar-me e dizer que concorri para a sua velhice prematura. No seu estado de decadência, ela ficava desorientada, em consequência de sua pouca saúde. Mas, mesmo assim, perguntava por mim a quem encontrava. Como caçula que eu era, a minha presença para ela era tudo.

Em 1965 eu fazia a campanha do grande Rui Carneiro, a Governador da Paraíba, e quando eu ia subindo ao palanque, um amigo e conterrâneo, Luiz Mulatinho me dizia: "Estou com pena de te dizer uma coisa"... Eu, que já estava esperando por este triste momento, respondi: "Já sei o que é".

Subi então no palanque, desligando-me do mundo, e cumprindo a minha missão. Era a voz da obrigação que me falava mais alto e eu tinha que assumir grande responsabilidade naquele momento: as despesas que me estavam esperando. Só tinha uma opção: cantar.

Cantei, sem cantar..., uma hora e meia. Quando desci do palco, fui sentindo a resposta daquela emoção mastigada pela dor

e pela força do dever, além dos compromissos que me aguardavam e das despesas a que eu deveria ser submetido a fazer.

Quando a notícia chegou à casa do grande poeta e jornalista, meu irmão Orlando Tejo, ele me conduziu até a cidade de Prata, onde me criei, no carro do Sr. Noujaim, Cônsul do Líbano pela Paraíba. No "Diário da Borborema", escreveu belíssima reportagem, demonstrando ser um grande jornalista e dando-me o conforto de suas palavras de poeta e de sincero amigo.

A data de 4 de outubro daquele ano, ficou soando em meus ouvidos, e na fotocópia da minha lembrança, como o carimbo da amargura. Que dia opaco, com gosto de azedo, aquele da separação de minha grande mãe, que me deu tanto carinho, como seu filho caçula!

Tudo o que procuro dizer acho pouco, em relação à minha genitora, que só teve carinho e amor para comigo, e eu, nada lhe pude oferecer, senão alguns desgostos, em troca de tantas carícias que recebi daquele tão grande coração.

CAPÍTULO XXVI

MEU VELHO PAI

Pedro Marcolino Alves, foi o nome que meu velho pai recebeu na Pia Batismal, em 1883. Veio à luz pelas dores de sua mãe, Josefa Alves Feitosa, esposa de Marcolino Alves Feitosa, meu avô. Isso aconteceu no sítio Cantinho, entre os sítios Angico Torto e Riacho da Roça, hoje município de Sumé. Antes, de Monteiro, na Paraíba.

Os meus bisavós eram dos Inhamuns, no Ceará; mas, devido a questões por lá, vieram para São João do Rio do Peixe, na Paraíba, onde nasceram meus avós. Mesmo por causa dessas questões, acharam por bem ficar espalhados: meus avós e parte de seus irmãos vieram para Malta, na região de Espinhara — Paraíba. Outros se dirigiram para Glória de Goitá e para Triunfo, em Pernambuco, à procura de parentes que ali já existiam.

Meu avô depois veio para Sumé, deixando alguns de seus filhos em Malta e trazendo outros consigo. Em Sumé nasceram: meu pai e meus tios Maria José, Felismina e José.

Em Sumé meu avô foi à procura de seu velho amigo major Saturnino Bezerra Santa Cruz, dono da fazenda Riachão. Ali faleceu minha avó, deixando papai com quatro anos e tia Maria José, com cinco. O major Saturnino tomou conta dos dois, terminando de criá-los.

Meu avô casou pela segunda vez e constituiu uma segunda família.

De meu pai recebi todas essas informações, apesar de ser ele de pouca conversa. Por ser eu o filho caçula, ele me dava um carinho mais afetuoso e especial. Era um homem muito seguro e muito realista. Dizia sempre: “O homem vai à lua, já”... Ao que minha mãe, um pouco ingênua e acreditando nas velhas lendas, dizia: “Olha São Jorge na lua!”

— “Tais conversando tolices? Aquilo são montanhas!... As portas da escola vão levar o homem, com facilidade, ali”, respondia ele.

Quando os primeiros astronautas foram à lua, enquanto todo mundo se admirava, ele dizia: “Mais difícil foi a televisão”... Era a sua grande intuição e a visão que ele tinha das coisas, que o faziam falar assim, muito mais do que qualquer instrução.

Pedro Marcolino, velho agrimensor, conhecido por todo o Cariri Paraibano. Muitos proprietários que o chamavam para dividir suas terras, diziam: “Pedro sabe mais o que a gente tem, do que nós”.

Certa vez, um senhor que não conhecia o seu caráter chamou-o para uma demarcação e pediu uma informação ao major Napoleão Santa Cruz, sobre a sua conduta. O major diz com ímpeto: “Pedro morre de fome e não rouba”.

Não gostava de aborrecer a ninguém e, por isso mesmo, aconteceu de passarmos vexames em casa. Mesmo que a época estivesse difícil, tínhamos de esperar que aparecesse um trabalho de carpinteiro — que era também uma de suas profissões — ou de demarcação de terras. Ele, com toda aquela paciência e um pouco vidente — ao amanhecer o dia dizia para minha mãe: “... vai-me aparecer um trabalho; eu sonhei”... E aparecia mesmo. Era um velho cheio de esperança.

Gostava muito de fumar. Mas, quando queria deixar, passava dois, três anos sem fazer tal coisa. Era grande a sua força de vontade. Também gostava muito de tomar café; mas isto, nunca o vi deixar.

Quando vinha do trabalho dizia, brincando com minha mãe: “Chiquinha, faz aí um café três listas”. Era um café bem forte.

Apesar de ser o mais novo da família, lembro-me perfeita-

mente dele: homem forte, de voz grossa, que amava tanto a Natureza e gostava de plantar fruteiras. Por onde a gente morou deixou inúmeras provas disto. Lá no sítio Várzea, onde nasci, está a marca daquele velho.

Parace-me estar vendo: aquela casa de arrasto mei'água, virada para o Norte. Ele nunca terminou sua construção, provando aquele velho ditado: “Casa de ferreiro, espeto de pau”.

Mas, naquela casa humilde, a voz daquele velho era uma segurança para todos nós.

Era um homem que gostava do silêncio. Sofreu mágoas calado, sem se dobrar a ninguém. Uma verdadeira máquina humana, forte, resistente, apesar de ter o corpo magrinho, vergado, como se estivesse suportando enorme peso, marca das decepções que tanto machucaram o peito daquele sertanejo que, mesmo com essa tempestade de coisas, viveu quase um século.

Na cidadezinha de Prata, onde estava morando por uns quatro anos, foi envelhecendo o velho Pedro; e no dia 14 de maio de 1982, às quatro e quarenta e cinco daquela sexta-feira, passou para a outra vida.

Assisti de perto a essa hora tão dura; e, sem condições para dizer, de outra maneira, o que estava sentindo, fiz estes singelos versos como pude e como soube expressar, embora coubesse dizer muito mais:

Era quatorze de maio
As quatro e quarenta e cinco
Que quase dá-me um desmaio
Ver papai fazer afinco
Pra ver se a dor suportava
De quando em vez me olhava
Para me dar confiança
E o pulso vai, mas não vai
Vi nos olhos de papai
Morte da minha esperança.

Vi a velhice estampada
No rosto do meu velhinho
Relembrava o seu carinho
Dado a mim, época passada

Sua vista "opaccida"
Me lembrava toda a vida
De papai dentro de casa.
Isto mais me atormentava
Seu corpo todo gelava
E o meu se virando em brasa.

Eu via aquela vigília
Toda aquela garantia
Que papai dava à família
Com a sua autonomia
Quando pra casa marchava
Parece que se abalava
O chão na sua chegada
A fé que se tinha nele
Aquele voz forte dele
Enchia nossa morada.

Senti a carne abatida
Sem forças e sem coragem
Em ver o meu pai, da vida
Pra outra fazer passagem
Na hora dessa mudança
Notava sua voz mansa
Que me fazia doer
Aos poucos tudo mudando
A respiração parando
Sem condições pra viver.

Eu ver meu pai moribundo
Com a vista "embaçamada"
Ver terminar num segundo
Tanta coisa retratada
Eu via um passado, um fim
Remexer dentro de mim
Que me causava agonia
Sentia o peito doendo
Ver de fraqueza morrendo
Quem já foi tão forte um dia.

Um ancião viajor

Um andarilho da sorte
Foi simples agrimensor
De coragem e muito forte
No lugar que trabalhou
O seu serviço marcou
Seu nome, sua honradez
Tem provas do seu passado
Que nunca foi reprovado
No ofício uma só vez.

Prova de uma longa vida
Seu frágil corpo mostrava
Uma viagem comprida
Nas rugas se retratava
Cada uma era uma história
De decepções, de glória
Das coisas que a vida tem
Mas ele com paciência
Levou a sua existência
Sem blasfemar pra ninguém.

Eu sentia em meus pesares
Quando papai respirou
Eu vi todos os lugares
Por onde a gente morou
Aquele tempo distante
Eu vi chegar num instante
Nos impulsos da agonia
Meu Deus, que momentos loucos
Eu ver se acabando aos poucos
Quem nos causava alegria.

Ele ficava me olhando
Com um olhar de despedida
A cabeça sustentando
O corpo quase sem vida
Trêmulo e com dificuldade
Morrendo a capacidade

Daquele velho ancião
Como que me olhar doía
De quando em vez estendia
O braço e me dava a mão.

Quase completava os cem
Anos de uma grande lida
Nunca fez mal a ninguém
Nunca tirou uma vida
No silêncio dos arcanos
Com noventa e nove anos
Seu tempo se concluiu
E essa transformação
Aceitou de coração
Deixou o mundo e partiu.

MORTE MALVADA

DEDÉ MONTEIRO

Morte malvada, por que não passaste
Mais dez segundos pra cruzar a pista
Bastava isto... mas tu te apressaste
E assassinaste nosso enorme artista.

Sei que nem sabes o que aconteceu,
Pois nunca páras pra refletir nada.
Mas se quiseres saber quem morreu,
Pergunta ao povo de Serra Talhada.

Pergunta aos filhos, à família enfim,
Tribo saudosa, longe do Pajé
Pergunta a todos mas esquece a mim
Que sou suspeito pra falar de Zé.

Pergunta a Louro, Rei dos trocadilhos
Ao velho Pinto, que está vivo ainda
E aos mil poetas que também são filhos
Da mesma musa cuja luz não finda.

Sai perguntando, não sossega mais...
Indaga à lua, faz pergunta ao vento...
E, com certeza tu depois terás
Muitos motivos de arrependimento.

Quem pôs na Estrada tanta poesia
Não merecia ter morrido nela
Morte malvada, Zé não merecia...
Por que fizeste uma traição daquela?

Prata soluça... Paraíba geme
A dor imensa desta perda enorme.
Tu nada sentes, mas minh'alma treme
Lembrando o gênio que pra sempre dorme.

Serrote agudo, Sala de Reboco
Cacimba Nova, Pedra de amolar
Rolinha Branca... Tudo fala um pouco
De quem calaste pra jamais cantar...

Deixaste em luto toda a região...
Ficamos todos na maior saudade...
Mataste o HOMEM, mas o NOME, não,
Zé permanece pra POSTERIDADE...

Tabira, setembro de 87

*Este trabalho foi executado com o
apoio da Universidade Federal Rural
de Pernambuco - UFRPE.*

Rua Dom Manoel de Medeiros, s/n
Dois Irmãos - Recife - PE